



**_REALIDADE BRASILEIRA:
"O PENSAMENTO DE FLORESTAN"
E OS DESAFIOS DA ATUALIDADE**

_3



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

**CURSO DE DIFUSÃO
DO CONHECIMENTO**
EM GESTÃO PÚBLICA E
RESISTÊNCIA AO GOLPE



Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente | Marcio Pochmann

Diretoras | Isabel dos Anjos e Rosana Ramos

Diretores | Artur Henrique e Joaquim Soriano

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenador editorial | Rogério Chaves

Assistente editorial | Raquel Maria da Costa

Capa e diagramação | Patrícia Jatobá

Organização do original | Equipe Difusão do Conhecimento

Fotos de capa | Arquivo MAB e Acervo Florestan Fernandes/UFSCAR

Elaboração dos textos

Coletivo Nacional de Formação do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Coordenação da Área de Produção do Conhecimento

Gustavo Codas

Equipe Difusão do Conhecimento

Alê Almeida

Dulce Helena Cazzuni

Gustavo Vidígal

Karina Lima

Laura Martin

Priscila Moreira

Toni Cordeiro

Secretaria

Ioná Malerba Gabrielli, Lais Santos e Roberta Coimbra

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

04117-091 São Paulo – SP

www.fpabramo.org.br

11 5571 4299

Sumário

- _06 APRESENTAÇÃO**
PERSEU ABRAMO
- _10 APRESENTAÇÃO**
MOVIMENTO DOS ATINGIDOS
POR BARRAGENS (MAB)
- _20 BIOGRAFIA DE FLORESTAN
FERNANDES**
- _30 O QUE É REVOLUÇÃO?**
FLORESTAN FERNANDES (1981)
- _98 A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER
OS PROBLEMAS DO POVO**
MAO TSÉ-TUNG (1930-1949)
- _116 CONSTRUINDO A LUTA POPULAR**
PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO
- _124 ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA**

“Camaradas, somos nós que construímos as igrejas e as fábricas, somos nós que forjamos as correntes e produzimos o dinheiro. Somos a força viva que dá, a todos, o pão e o prazer, desde o berço até o caixão. Sempre e em toda a parte, nós somos os primeiros no trabalho e os últimos na vida. Quem nos considera como gente? É tempo, camaradas, de compreender que ninguém nos ajudará se a gente não ajudar a nós próprios! um por todos e todos por um é a nossa lei, se queremos vencer o inimigo!”

M. Gorki, no livro A Mãe.





APRESENTAÇÃO

PERSEU ABRAMO

Movimentos Sociais e Partidos Políticos

Durante governos democraticamente eleitos, a interação entre partidos políticos e movimentos sociais é fonte de renovação e avanço. Em tempos sombrios, essa interação é fonte de planos estratégicos de enfrentamento e superação.

A diversidade de atores políticos que defendem a diminuição das desigualdades sociais e a consolidação da democracia, quando atuam juntos - especialmente em cenários políticos conturbados - fortalecem-se mutuamente para construir e compartilhar diagnósticos e estratégias comuns, que têm em si a potência para combater adversários que contestam não apenas propostas de campos políticos opostos, mas a própria noção de regime democrático.

Nada mais democrático que atores políticos, com características constitutivas diversas e formas de se inserir na política diferentes entre si, buscarem de forma transparente e inovadora, construir ações coletivas comuns.

A parceria que viabilizou este documento traz consigo esse espírito. **Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)** e **Fundação Perseu Abramo (FPA)**, ligada ao **Partido dos Trabalhadores (PT)** trabalharam conjuntamente para elaborar ideias comuns sobre a importância da formação na atuação política. Construímos processos de formação e materiais didáticos de forma compartilhada, que têm como objetivo central difundir conteúdo formativo de alta qualidade para o maior número de pessoas possíveis.

A parceria tem como base não apenas processos formativos comuns, mas também como atuar politicamente na sociedade. Consolida uma atuação política articulada que defende a democracia. Entendemos, tanto movimento social quanto partido político, que a defesa do sistema democrático é constante, porém, quando esse sistema é explicitamente ameaçado, a ação política conjunta é decisiva para a defesa de cada pilar da vida democrática de nosso país.

Cada um dos elementos estruturantes de nossa democracia foi erguido com muito suor e sacrifício daqueles que lutaram desde o fim do regime escravocrata, passando pelo reconhecimento de terras indígenas, até a derrubada da ditadura militar. A manutenção da democracia, a garantia dos direitos conquistados para todo o corpo social, assim como a inserção dos sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos nas decisões governamentais foi possível graças à construção coletiva do campo democrático, por meio de sua interação, fortalecimento de laços, organização e formação.

Equipe de Difusão do Conhecimento
Fundação Perseu Abramo





Elogio do revolucionário

Quando aumenta a repressão,
muitos desanimam.

Mas a coragem dele aumenta.

Organiza sua luta pelo salário,
pelo pão e pela conquista do poder.

Interroga a propriedade:

De onde vens?

Pergunta a cada ideia:

Serves a quem?

Ali onde todos calam, ele fala

E onde reina a opressão e se

acusa o destino,

ele cita os nomes.

À mesa onde ele se senta

se senta a insatisfação.

À comida sabe mal e a sala

se torna estreita.

Aonde o vai a revolta

e de onde o expulsam

persiste a agitação.

Bertold Brecht

APRESENTAÇÃO

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB)

Com certeza a organização e luta dos atingidos é justa e necessária

Desde os anos 1970, atingidos e atingidas por barragens fazem a luta para defender e garantir seus direitos, em decorrência da enorme contradição colocada no setor elétrico do nosso país. Podemos afirmar que a luta dos atingidos/as por barragens organizados no MAB tem em cada período seu valor histórico.

As populações atingidas são vítimas de um modelo de desenvolvimento que necessita e impulsiona muita produção de energia. A violação de direitos está confirmada no relatório do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CNDDPH), aprovado em 2010, onde diz haver um “um padrão recorrente de violação dos direitos humanos na construção de barragens” sejam elas para produção de energia, de captação de água ou mineração. Essa prática de construir as barragens, sem reconhecer e respeitar os direitos da população atingida desde os períodos da ditadura militar, se repete nos dias atuais, basta citar os crimes da Vale em Minas Gerais, na bacia do Rio Doce em novembro de 2015, e Brumadinho em 2019.

Por não aceitar as injustiças, ter certeza que podemos viver melhor, dividindo a riqueza produzida pelo trabalho dos trabalhadores, nos organizamos e lutamos como a única forma

de garantir algum direito para os atingidos/as por barragens e no âmbito maior nos unimos na luta pela construção do Projeto Energético Popular e pelos direitos da classe trabalhadora.

O MAB se define como um movimento popular, autônomo, de caráter nacional e rostos regionais, com participação e protagonismo coletivo em todos os níveis, sem distinção de cor, sexo, religião, partido político ou grau de instrução, que reúne e organiza trabalhadores e trabalhadoras atingidos/as por barragens de todo o país. Adota como principal forma de luta a pressão popular, acreditando que a prática militante é orientada por princípios e valores, que tem na pedagogia do exemplo a melhor forma de convencer. Esta luta se alimenta no profundo sentimento de amor ao povo e à vida.

O movimento busca ir além das conquistas imediatas. A partir da sua base específica definiu como objetivo conquistar e garantir direitos da sua base social e, com outras forças, lutar para transformar pela raiz, todas as estruturas de exploração e opressão na sociedade. Definiu como horizonte geral a conquista de uma nova ordem social, alternativa. Na luta específica está a construção do Projeto Energético Popular, no qual se inclui a justa reparação dos direitos dos atingidos pelas barragens.

Para dar conta da missão, o movimento necessita trilhar um longo caminho, que exige ciência, utopia e arte. Exige muita persistência e esforço para construir força própria e permanentemente fortalecer as alianças com outras organizações e movimentos que também buscam construir a justiça social.

Por que o MAB faz formação?

Temos no MAB o princípio de que o povo deve ser protagonista da transformação social. Assim, sempre zelamos por processos de formação que possam elevar o nível de consciência, qualificar a luta e melhorar a organização. A formação, a nosso ver, é uma ferramenta a serviço da estratégia da organização.

No atual contexto histórico, de uma conjuntura desafiadora, torna-se ainda mais necessário avançar no processo de formação que possibilite, com embasamento teórico, fazer a leitura correta da realidade e traçar planos de ação para intervir nesta realidade.

Para melhor compreender a realidade e suas contradições buscamos beber nos clássicos dos pensadores brasileiros. No módulo que vamos desenvolver no segundo semestre de 2019 no MAB, iremos estudar parte do pensamento de Florestan Fernandes. Relacionar o pensamento do autor com a realidade atual e melhorar a compreensão sobre a luta, para transformar pela raiz as estruturas injustas da sociedade.

Estudando o pensamento de Florestan, junto aos grupos que participarão do processo de formação, nós queremos estimular o estudo e debate em torno das seguintes questões:

- Diagnosticar a realidade que vivemos.
- Identificar quem são as forças que propõem e mantêm a realidade atual.
- O que devemos propor e fazer para transformar essa realidade.
- Quem poderá fazer as mudanças almejadas.
- Como fazer.

Assim, iniciamos este novo processo de formação realizando o curso – “Realidade Brasileira: O pensamento de Florestan Fernandes e os desafios da atualidade”. Todos/as estão convidados/as a ser parte, estudar, debater, criar e recriar para podermos melhorar a nossa luta.

**Coordenação Nacional do Movimento
dos Atingidos por Barragens (MAB)**

Revolução

É sentido de momento histórico;
é mudar tudo o que deve
ser mudado;

... é igualdade e liberdade plenas;
é ser tratado e tratar aos demais
como seres humanos;

é emancipar-nos por nós mesmos
e com nossos próprios esforços;
é desafiar poderosas forças
dominantes dentro e fora
do âmbito social e nacional;
é defender valores nos quais se crê
ao preço de qualquer sacrifício;
é modéstia, desinteresse, altruísmo,
solidariedade e heroísmo;

é lutar com audácia,
inteligência e realismo;
é não mentir jamais

nem violar princípios éticos;
é convicção profunda
de que não existe força no mundo
capaz de esmagar
a força da verdade e as ideias.

REVOLUÇÃO é unidade,
é independência,
é lutar por nossos sonhos de justiça
para Cuba e para o mundo,
que é a base de nosso patriotismo,
nosso socialismo
e nosso internacionalismo.

Fidel Castro Ruz









Segura sua mão na minha

Para fazermos juntos
O que eu não posso fazer sozinho
Porque quem tem um sonho
E coragem pra caminhar
Com a força das mãos dadas
Pode muito mais do que sonhar.
Mesmo os passos tão difíceis
Mesmo suado o caminhar
Mesmo com tombos tão grandes
Mesmo errando sem parar
Porque andar nunca foi fácil
(todos tiveram que aprender)
Porque os tombos acontecem
(e não há como prever)
Porque errar não é pecado
(e até serve pra crescer)
É difícil e dá trabalho
Porque aqui temos também
Dificuldade e armadilhas
Como toda vida tem.
Mas aqui de diferente
Temos algo a acrescentar
Temos todos uns aos outros
E um sonho pelo qual lutar.
E esse sonho, companheiro,
Vale a pena sonhar
É um projeto tão bonito
Pruma pátria popular.
Por isso
Segura sua mão na minha
Para fazermos junto
O que eu não posso fazer sozinho.

Lira Alli

O Analfabeto Político

O pior analfabeto é o analfabeto político.

Ele não ouve, não fala, nem participa
dos acontecimentos políticos.

Ele não sabe que o custo de vida, o
preço do feijão, do peixe, da farinha,
do aluguel, do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que
se orgulha e estufa o peito dizendo
que odeia a política. Não sabe o imbecil
que da sua ignorância política nasce
a prostituta, o menor abandonado, e
o pior de todos os bandidos que é o
político vigarista, pilantra, o corrupto e
lacaio dos exploradores do povo

Bertold Brecht





_BIOGRAFIA DE FLORESTAN FERNANDES

“A revolução proletária volta-se para a emancipação coletiva dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores”

Florestan Fernandes

Uma vida de luta e construção

Florestan Fernandes nasceu em São Paulo, no dia 22 de julho de 1920, em uma família muito humilde do Brás. Sua mãe, Dona Maria Fernandes, era uma imigrante portuguesa, analfabeta, e trabalhava como lavadeira. Sua madrinha, que era patroa de sua mãe, costumava chamá-lo de Vicente, pois julgava que Florestan não era um nome apropriado para uma criança pobre.

Neste período, São Paulo vai se tornar o maior polo industrial do país. Em 1930 será criada a universidade em São Paulo, porém quem vai ter acesso a universidade?

Devido às necessidades de sua família, Florestan começou a trabalhar aos seis anos de idade. Desempenhou vários ofícios: engraxate, auxiliar de marceneiro, auxiliar de barbeiro, alfaiate e balconista de bar. Como sua vida no trabalho estava exigindo que se dedicasse em período integral, aos nove anos de idade parou de estudar, no terceiro ano do curso primário. Somente aos dezessete anos concluiu o antigo curso de madureza (atual supletivo), por insistência dos fregueses do Bar Bidu – na Rua Líbero Badaró, onde trabalhava como cozinheiro –, que conside-

ram Florestan muito inteligente devido aos comentários sobre a política e a leitura da realidade que fazia.

Aos dezoito anos de idade, trabalhando como vendedor de produtos farmacêuticos, Florestan ingressou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Queria cursar Farmácia, mas os livros eram muito caros. Neste momento, ele dizia que “o Vicente começou a morrer e sobreveio o Florestan”.

Obteve a licenciatura em 1943, ano em que o Estado de São Paulo publicou o seu primeiro artigo. Em 1944, casou-se com Myriam Rodrigues Fernandes, com quem teve seis filhos. Neste mesmo ano, tornou-se assistente do professor Fernando de Azevedo, na cátedra de sociologia II. Obteve o título de mestre em 1947, com a dissertação *A organização social dos Tupinambá*, e concluiu o doutorado em 1951, com a tese *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*, sob orientação do professor Fernando de Azevedo.

Nessas obras, muito respeitadas ainda hoje, Florestan constrói a estrutura da tribo Tupinambá, já desaparecida na época, por meio de documentos de viajantes. Concluído o doutorado, Florestan passou a livre docente da USP na cátedra de Sociologia I e, posteriormente, tornou-se professor titular.

Devido ao seu engajamento na Universidade, foi perseguido pela ditadura militar e foi cassado com base no Ato Institucional número 5 (AI-5). Em 1969, pediu exílio ao Canadá, onde assumiu um lugar de professor de Sociologia na Universidade de Toronto.

Faleceu em São Paulo no dia 10 de agosto de 1995, aos 75 anos de idade, vítima de embolia gasosa maciça (presença de

bolhas de ar no sangue), seis dias após submeter-se a um transplante de fígado. Ele estava revisando os originais de seu último livro: *A contestação necessária – retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*, uma coletânea de biografias de amigos e heróis.

A militância política radical

O intelectual militante, o professor engajado e o político eleito com mandato pelo partido dos trabalhadores marcaram a história deste grande educador.

Um pensamento importante de Florestan se deu por volta de 1969, em plena ditadura militar, com a transição da fase acadêmica reformista para a política revolucionária marxista e intelectual. O processo de consolidação do pensamento revolucionário foi destruído pelo AI-5, que coloca vários intelectuais para fora das universidades, inclusive Florestan, que passa a não reconhecer mais a universidade como um centro dinâmico das transformações. Florestan era acadêmico na área da sociologia como profissão. A questão sociológica deve ser a verdade dos pobres. Florestan quer mostrar que a escravidão teve violência...



Seu ingresso no partido dos trabalhadores se deu a convite do presidente do partido, Luis Inácio Lula da Silva, num momento de sua vida em que o desencantamento com a Universidade já se fazia presente.

A educação para o professor Florestan

Antonio Candido, intelectual e amigo de Florestan por mais de 50 anos, descreve o professor Florestan Fernandes em três momentos com a seguinte citação: “Houve um Florestan dos anos 1940, um Florestan dos anos 1950 e um Florestan dos anos 1960, a partir do qual a síntese já estava feita. O Florestan dos anos 40 é o da construção do saber, que ao construir o seu, constrói a possibilidade de saber dos outros. O Florestan dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela explicação do saber do mundo, porque, tendo já os instrumentos na mão, se dedica a aplicá-los para compreender os problemas do mundo. O terceiro momento é o do Florestan que, tendo aplicado o saber à compreensão do mundo, transforma-o numa arma de combate. Naturalmente, as três etapas estão misturadas, pois sempre houve a terceira na primeira, e a primeira na terceira. Estou me referindo às predominâncias.” (CANDIDO, 1986, p.33).

O professor Florestan criticou a pedagogia tradicional e condenava a postura dos educadores distante do processo social, acreditando que estes deveriam estar engajados na tarefa de transformação social. Desta forma, tornou-se defensor permanente da escola pública, fazendo da Educação um dos temas centrais da sua vida. Para ele, não poderia existir Estado ou sociedade democrática sem uma educação democrática via escola pública gratuita.

Como bom marxista, defendeu uma educação vinculada ao pensamento socialista. Para ele, a classe trabalhadora era a principal força revolucionária, portanto seus membros deveriam estar preparados, bem informados e conscientes de seu papel; e isto seria uma responsabilidade da Educação. Logo, entendia a Educação como um fator de mudança social.

As faces que marcam o professor Florestan Fernandes na Educação são as: de professor, de cientista, de militante e de publicista da Educação, faces que ele manteve em outras práticas e que mostraram a coerência deste intelectual em toda sua trajetória de vida.

Florestan Fernandes, de engraxate a professor catedrático, 75 anos de vida dedicados à luta contra a desigualdade social. Intelectual orgânico, no sentido empregado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937), foi militante aguerrido na defesa da escola pública de qualidade e, com forte influência marxista, acreditou, lutou e defendeu a transformação social, atribuindo papel relevante aos trabalhadores a partir da consciência de classe e incluindo a educação como tema de grande destaque na construção e consolidação de um novo projeto de sociedade. Atuou em universidades importantes no Brasil e em outros países, contudo, conquistou uma posição de destaque na Sociologia Brasileira devido a sua atuação nos diferentes campos das ciências sociais, abrindo caminho para a profissionalização dos sociólogos ao defender a participação e a interferência dos intelectuais nos problemas nacionais, inaugurando um novo estilo de pensar a realidade social, por meio da qual se torna possível reinterpretar a sociedade e a história, bem como a Sociologia anteriormente produzida.



Fundador da Sociologia Crítica no Brasil, enfrentou – especialmente durante a ditadura – grande repressão por propagar, no meio universitário, o engajamento dos intelectuais aos problemas da sociedade brasileira. Guiado pela inquietude que o tema da educação representava em seu projeto de sociedade, participou intensamente da campanha em defesa da escola pública, na criação do fórum de defesa, no processo de construção da LDB, defendendo um projeto lei democrático e tinha o apoio e a participação de diversas entidades sociais.

Nos últimos anos de sua trajetória de militância educacional, sofreu uma grande decepção com dois amigos que militavam com ele dentro de uma tendência que defendia uma educação com base socialista, na ocasião da campanha em defesa da escola pública: Fernando Henrique Cardoso e Darcy Ribeiro. Com este último, travou diversos embates públicos até seus últimos dias de vida.

Este grande intelectual, a convite de Lula, inicia sua vida partidária no PT, mantendo sempre sua coerência, valoriza a diversidade dentro do partido, mas mantém-se, como ele mesmo se intitulava: “lobo solitário”, sendo admirado e respeitado por todas as alas do PT. Conquista o parlamento, onde convive com as tensões do momento de transição pelo qual passava o nosso país, e dedica-se a defender as causas dos menos favorecidos, sem nunca abandonar sua dedicação ao tema educação, desempenhando um papel de grande relevância na Constituinte de 1988. Acreditava que a Constituição poderia corrigir as desigualdades verificadas no projeto educacional da sociedade.

Com toda sua participação na Constituinte, conhecendo por dentro o parlamento, Florestan teceu críticas de que o parlamento servia para sustentar o conservadorismo imperialista, expressando as tensões entre passado autoritário e as perspec-



ACERVO FLORESTAN FERNANDES/JUSCAR

tivas futuras, e que a Constituição de 1988 foi um processo inacabado, pois a própria conjuntura que desencadeou colocou a Constituição de um lado e as organizações populares de outro.

Enfim, crítica social, militância ativa, dedicação à docência, à pesquisa, ao publicismo; o sociólogo e professor, político engajado na luta contra a desigualdade, na defesa da educação pública, do socialismo, da democracia e da solidariedade entre a classes trabalhadoras e entre os povos latino-americanos fizeram do Professor Florestan Fernandes um grande homem de nosso tempo – coerente, sonhador e comprometido com sua classe.

Frases de Florestan Fernandes

“Na sala de aula, o professor precisa ser um cidadão e um ser humano rebelde.”

“Em nossa época, o cientista precisa tomar consciência da utilidade social e do destino prático reservado a suas descobertas.”

“Afirmo que iniciei a minha aprendizagem sociológica aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade.”

Fonte: Fundação Florestan Fernandes



O saber a gente aprende com os mestres e os livros.
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.

Cora Coralina

_O QUE É REVOLUÇÃO? FLORESTAN FERNANDES (1981)

A palavra revolução tem sido empregada para criar confusões. Fala-se de “revolução institucional”, referindo-se ao golpe de Estado de 1964, no Brasil, com a intenção de acobertar o uso da violência militar que impediu a continuidade da revolução democrática. *A palavra correta seria contrarrevolução.* “Revolução” designa também alterações, contínuas ou súbitas, na natureza ou na cultura. *No essencial, porém, seu significado fala de mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade.* O contraste entre “mudança gradual” e “mudança revolucionária” sublinha o teor da *revolução como mudança que “mexe nas estruturas”, que subverte a ordem social imperante na sociedade.* O golpe de Estado foi descrito como “revolução” para esconder a revolução democrática interrompida e intimidar, pois uma revolução dita suas leis, seus limites, o que ela extingue ou não tolera. Na realidade, o “império da lei” aboliu o direito e implantou a “força das baionetas”: *não há mais aparências de anarquia. Uma parte precisava anular e submeter a outra à sua vontade pela força bruta.*

Quanto ao significado das palavras-chave, era fundamental para começar a inversão das relações normais de dominação. Fica mais difícil para o dominado entender o que está acontecendo e mais fácil para defender abusos e violações cometidas pelos donos do poder. O marco de 1964 ilustra a natureza da batalha que as classes trabalhadoras precisam travar: libertar-se da tutela terminológica da burguesia, de relações de dominação que se definem, na área da cultura. Em uma sociedade de classes da periferia do mundo capitalista não existem “simples palavras”.

A revolução constitui uma realidade histórica; a contrarrevolução é sempre o seu contrário: é aquilo que impede ou adultera a revolução. Na luta pela transformação da sociedade, a palavra “revolução” recebe um significado que não depende apenas do querer coletivo das classes trabalhadoras. Toda sociedade de classes possui certas exigências econômicas, sociais, culturais, jurídicas e políticas. Certas “transformações estruturais” designadas como “revoluções” – revolução agrária, urbana, demográfica, nacional, democrática indicam aproximações ou afastamentos em relação às potencialidades de expansão da ordem burguesa. Uma sociedade capitalista que não realiza a reforma agrária e onde revolução urbana é inchaço, metropolização segmentada, fica em débito com a revolução demográfica, nacional e democrática. Tais sociedades capitalistas são “Nações-proletárias” ou “Nações de lumpemburguesias”, *mas possuem enorme espaço interno para revoluções dentro da ordem*. Transformações que, em sociedades capitalistas avançadas, foram desencadeadas a partir de iniciativa das classes altas ou classes médias burguesas, aqui terão



de transcorrer a partir de iniciativas das classes despossuídas e trabalhadoras. Se elas não fazem, a história estaciona, pois, o capitalismo não gera dividendos que interessem à Nação como um todo. Uma revolução democrática é subitamente convertida em revolução antidemocrática.

O conceito de revolução não aparece com especificidade histórica proletária. Não se trata da revolução dos "outros" e para os "outros", pois as classes trabalhadoras e subalternas possuem um interesse direto e indireto na revolução da sociedade burguesa. Quando as classes burguesas paralisam e solapam as transformações que marcam as mudanças sociais progressivas do capitalismo, o proletariado deixa de ter o espaço histórico de que necessita para lutar por seus interesses de classe e aumentar o seu poder real de classe. Como prêmio, recebem uma dose adicional de superexploração e ultraopressão, sem condições materiais e políticas para remover esses males. *A revolução, como e enquanto transformação estrutural da sociedade capitalista, representa uma fronteira da qual as classes trabalhadoras não poderão fugir sem consequências funestas. Uma sociedade capitalista semidemocrática é melhor que uma sociedade capitalista sem democracia alguma.* Nesta, nem os sindicatos nem o movimento operário podem manifestar-se com alguma liberdade e crescer naturalmente. Por isso, a "revolução dentro da ordem" possui um conteúdo distinto do que ela assumiu nos países capitalistas centrais.

As classes burguesas não se propõem às tarefas históricas construtivas que estão na base das revoluções, a nacional e a democrática. *As classes trabalhadoras têm de definir, por si próprias, o eixo de uma revolução burguesa que a própria burguesia não pode levar até o fundo e até o fim, por vários fatores.* Os

que repudiam tais tarefas históricas do proletariado por temor do oportunismo e do reformismo ignoram duas coisas: a) que sem uma maciça presença das massas destituídas e trabalhadoras na cena histórica as potencialidades nacionalistas e democráticas da ordem burguesa não se libertam; b) o envolvimento político das classes trabalhadoras e das massas populares no aprofundamento da revolução dentro da ordem possui consequências socializadoras de importância estratégica. A burguesia tem pouco a dar e cede a medo. O proletariado cresce *com a consciência de que tem de tomar tudo com as próprias mãos e, a médio prazo, aprende que deve passar, tão depressa quanto possível, da condição de fiel da "democracia burguesa" para a de fator de uma democracia da maioria, isto é, uma democracia popular ou operária*.

No nível mais amplo, a noção de revolução tem de ser encarada como relações antagônicas entre burguesia e proletariado dentro do capitalismo da era atual. *A época das revoluções burguesas já passou; os países capitalistas da periferia assistem a uma falsa repetição da história: as revoluções burguesas em atraso constituem processos estritamente estruturais, alimentados pela energia dos países capitalistas centrais e pelo egoísmo autodefensivo das burguesias periféricas. Estamos na época das revoluções proletárias e pouco importa que elas só tenham aparecido nos "elos débeis" do capitalismo. O que se configurava como um processo que iria dos países centrais para a periferia, de fato, caminhará da periferia para o centro! Por isso, as burguesias dos países centrais se organizam como verdadeiras bastilhas e promovem seu "pluralismo democrático" ou seu "socialismo democrático" como se fossem equivalentes políticos do socialismo revolucionário e do comunismo*.

A linguagem e a mensagem do Manifesto permanecem atuais no essencial: *sob o capitalismo e dentro do capitalismo, a revolução de sentido histórico se dá contra a sociedade burguesa e o seu Estado democrático-burguês*. É a revolução que, na primeira etapa, substituirá a dominação da minoria pela dominação da maioria; e que, na etapa mais avançada, eliminará a sociedade civil e o Estado, tornando-se instrumental para o aparecimento do comunismo e um novo padrão de civilização. Nesse sentido, o conceito de revolução se identifica com as tarefas maiores do proletariado e *define um longo porvir de transformações revolucionárias encadeadas*. Nele, o proletariado possui funções análogas àquelas que a burguesia preencheu na desintegração da sociedade feudal e na construção da sociedade capitalista, só que mais complexas e difíceis. *Para realizá-las, o proletariado precisa, antes de qualquer coisa, conquistar o poder*. A partir daí, poderá construir sua versão de democracia e, em seguida, dedicar-se à constituição de uma sociedade igualitária e socialista. O fato do socialismo não evoluir, em todo o orbe, introduziu complicações nesse quadro: a) as revoluções proletárias herdaram atrasos e contradições do capitalismo nos "elos débeis": foi preciso uma terrível luta para criar *condições materiais e sociais de transição* que não se encontravam configuradas historicamente; b) o cerco capitalista deformou de várias formas as revoluções proletárias e fortaleceu a capacidade de auto-defesa e de ataque das nações capitalistas centrais, em seus polos estratégicos da periferia.

Não se pode nem se deve subestimar as inflexões da realidade histórica: o socialismo sofreu uma compressão que o sistema de poder feudal jamais poderia infligir ao capi-

talismo nascente. Essa constatação não altera o essencial: *a revolução anticapitalista e antiburguesa é uma revolução proletária e socialista. Ela nega a ordem existente em todos os níveis e de modo global. A revolução em processo não é só uma revolução anticapitalista e antiburguesa, é uma revolução socialista* que se negará quando o socialismo se converter em padrão de uma nova civilização, culminando no comunismo. Ou seja, a revolução proletária não terá um eixo revolucionário curto que se esgote na substituição de uma classe dominante por outra – *o proletariado deverá ser ainda mais revolucionário depois da conquista do poder e da derrota final da burguesia*. Essa é a condição histórica para que a transição para o socialismo e para o chamado “socialismo avançado” possua uma dinâmica democrática própria – *cada avanço socialista representa um aprofundamento comunista na negação do período de transição e do “socialismo avançado”*. Essa representação marxista já foi considerada como pura utopia.

A burguesia não levou sua revolução até o fim e até o fundo porque não teve a seu favor uma substância de classe revolucionária que a animasse a superar-se, a negar-se e a transcender-se de modo inexorável e incessante. O mesmo não ocorre com o proletariado: ele desintegrará a sociedade civil e o elemento político que ela engendra e reproduz, cimentando a vida social na igualdade, na liberdade e na fraternidade entre todos os seres humanos. Então, a Humanidade contará com uma civilização na qual as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas, como previu Marx.

“Quem faz” a revolução?

Há uma tendência em tornar a revolução um fato “mítico” e “heroico”, individualizado e romântico. Várias tradições tendem a anular o papel de suporte e instrumental das massas e salientar as figuras centrais, as “figuras heroicas e decisivas”. A burguesia cedeu a essas tradições e fomentou-as; sua historiografia, mesmo quando busca os *fatores externos*, concentra-se no “culto dos heróis” e dá relevo aos papéis criadores dos “grandes homens”. A historiografia marxista não anula a importância da personalidade nos processos históricos e evita uma redução mecanicista que exclua o fator humano e psicológico. *O que distingue o marxismo é sua tentativa de compreender a revolução como um fenômeno sociológico de classe.*

O marxismo parte de uma concepção objetiva do lugar que a luta de classes confere à revolução em uma sociedade intrinsecamente antagônica. Isso exige que se evite cair no mal oposto: um “obreirismo” rudimentar e o “redentorismo” do partido revolucionário. As dimensões da luta de classes não são determinadas exclusivamente por uma das classes; elas constituem uma função do desenvolvimento do capitalismo e da vitalidade que as classes em conflito demonstram no aproveitamento das oportunidades históricas. O milagre capitalista não aparece na ascensão da burguesia à hegemonia social de classe e à conquista do poder político, mas no fato histórico que mostra como uma burguesia conservadora foi capaz de fomentar *sucessivas revoluções técnicas, dentro e através do capitalismo, inclusive absorvendo, filtrando e satisfazendo parcialmente pressões anarquistas, sindicalistas e socialistas das massas operárias*, pelas quais se alargou e se modificou a de-

mocracia burguesa. Isto fez com que a modernização capitalista se desenvolvesse, enquanto se intensificava a concentração da riqueza real e do poder real nas mãos de um tope restrito.

Essa dialética explica-se pelas determinações econômicas, sociais e políticas da propriedade privada dos meios de produção. Por ela, a burguesia se torna a classe possuidora mais poderosa da história das civilizações fundadas na estratificação social. *Ela proclama uma utopia do seu período de ascensão revolucionária, e pratica uma ideologia de mistificação sistemática nas relações entre meios e fins, indispensável para que pudessem ser modernizadora e reacionária ou ultrarreacionária*. A sua face oculta profunda aparece mais tarde, através do fascismo, da "democracia forte" e da autocracia burguesa, e se dissemina com intensidade na periferia do mundo capitalista.

A mesma estrutura de classes compelia o proletariado a um complexo movimento histórico: os proletários surgem como uma massa dispersa e incoerente, sem união ativa e subordinada aos interesses econômicos e aos objetivos políticos da burguesia. *Graças ao desenvolvimento industrial, o proletariado cresce, concentra-se cada vez mais, forma sindicatos e uniões permanentes, se bate com a burguesia em escala local e nacional, e aprende a atuar em conjunto, toma consciência de seus interesses econômicos e seus objetivos políticos*. Em função do próprio avanço das contradições da sociedade capitalista e de toda a ordem social, "a luta de classes se aproxima da hora decisiva" e o proletariado *passa a preencher em plenitude suas tarefas de classe revolucionária, "aquela que tem o futuro em suas mãos"*.

Pode-se pôr em relevo três estágios fundamentais e distintos. *O fato histórico central é a constituição do proletariado em classe (classe em si) e o seu desenvolvimento como classe inde-*

pendente no desenvolvimento concomitante das forças produtivas e da própria burguesia. No entanto, só no primeiro estágio os proletários ficam à mercê da burguesia, engrossando suas forças sociais e políticas. No segundo estágio, quando se desenvolve como classe independente, o proletariado liberta-se da tutela política burguesa e impõe-se como "partido político" (classe capaz de lutar organizada por salários, melhores condições de trabalho e existência, maior autonomia social e o alargamento político da ordem burguesa). Neste estágio, as reivindicações operárias de caráter sindicalista e socialista definem o lado proletário dos direitos civis e políticos, incorporados pela força da luta de classes à legalidade burguesa e ao funcionamento do sistema político representativo. No terceiro estágio, *o potencial revolucionário do proletariado emerge e expande-se livremente, já que deve comandar a luta de classes e o processo global de desintegração da "antiga sociedade" e de constituição incipiente da sociedade socialista.*

"Todos os movimentos históricos precedentes foram movimentos minoritários ou em proveito de minorias. *O movimento proletário é o movimento consciente e independente, da imensa maioria, em proveito da imensa maioria. O proletariado não pode erguer-se sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade oficial.*" Ao realizar sua missão que "é a de *destruir todas as garantias e seguranças da propriedade individual*", *o proletariado inaugura uma época de grandes transformações históricas.* Isso mostra que o desenvolvimento do capitalismo se enlaça ao desenvolvimento concomitante das duas classes fundamentais da sociedade capitalista e ao agravamento da luta de classe. Por causa dele, o antagonismo entre o capital e o trabalho se manifesta como fermento histó-

rico. As fases do desenvolvimento do proletariado descrevem a guerra civil mais ou menos oculta, na sociedade, até a hora em que essa guerra explode, numa revolução aberta, e a derrubada violenta da burguesia estabelece a dominação do proletariado. Há uma guerra civil latente e uma eclosão revolucionária aberta. As transformações seguem as linhas dos equilíbrios e desequilíbrios de forças nas relações antagônicas da burguesia com o proletariado.

Quem faz a revolução é a grande massa proletária e quem lhe dá sentido é a grande massa proletária. Não se trata de uma categoria social como "Povo", mas da parte proletária do Povo e daqueles que, não sendo proletários, identificam-se politicamente com o proletariado na destruição das formas burguesas de propriedade e de apropriação social. Quer dizer, a maioria descobre que a ordem burguesa não é a única possível e tenta, por seus próprios meios, a conquista do poder e nova forma de democracia, a democracia proletária. A nova época inicia-se mediante uma revolução pela qual o proletariado, convertido em classe dominante, "destrói violentamente" as antigas relações de produção e "as condições dos antagonismos de classes e as próprias classes", abrindo caminho para extinguir "sua própria dominação como classe".

Utopia e ideologia caminham juntas, já que ambas extraem sua realidade histórica de uma condição de classe revolucionária instrumental para a revolução, mas condenada ao desaparecimento pela concretização da própria revolução. Isso permite a Marx e Engels afirmar: "*Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes, haverá uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos*". Esta descri-

ção propõe a revolução do proletariado que não se esgota no âmbito do capitalismo e da sociedade burguesa. Enquanto a guerra civil é latente, a transformação revolucionária se equaciona dentro da ordem como um processo de alargamento e aperfeiçoamento da sociedade burguesa, pela ação coletiva do proletariado. Quando a guerra civil se torna aberta, a transformação revolucionária se equaciona contra a ordem envolvendo, primeiro a conquista do poder e, depois, a desagregação da antiga sociedade e a formação de uma sociedade sem classes, destituída de dominação do homem pelo homem e de elemento político (ordem sem sociedade civil e o Estado).

No plano prático, o reconhecimento, pelos revolucionários, de que situações revolucionárias não se criam ao sabor da vontade, não se produzem por encomenda. Situações revolucionárias encobertas e explícitas formam uma sequência, em cadeia. *O talento inventivo dos revolucionários se mostra na sua capacidade de atinar com as exigências e possibilidades revolucionárias de cada situação.* Um diagnóstico errado conduz a sacrifícios inúteis; uma oportunidade real desperdiçada reflete-se numa perda do movimento revolucionário em cadeia, afeta o presente e o futuro. O teor revolucionário do movimento de classe se determina pelas potencialidades favoráveis e desfavoráveis da situação concreta e pode-se prescindir de fórmulas dogmáticas e de líderes messiânicos.

A firmeza da ação revolucionária de classe dependerá: *a) de formas de solidariedade de classe; b) de consciência revolucionária de classe; e c) de comportamento revolucionário de classe.* Se o proletariado não estiver preparado para enfrentar suas tarefas revolucionárias concretas, não poderá levar a revolução até o fim e até o fundo, no contexto social imediato e a

longo prazo. A classe que não souber aproveitar as oportunidades terá de pagar um alto preço, pois, *se a burguesia conseguir vergar o "arco histórico" do proletariado, este oscilará para uma prolongada penumbra histórica* (como aconteceu com o proletariado europeu). *Se o proletariado conseguir se antecipar ao curso da história, ele poderá deslocar a burguesia de suas posições e precipitar a sua própria revolução social* (como ocorreu na Rússia).

Quer dizer que descrever as condições da revolução não equivale a "ignorar" o elemento humano na história. Significa buscar as linhas de determinações que fluem, através das classes e antagonismos de classes, na objetivação das condições nas quais os seres humanos constroem coletivamente a sua história. *"A história não faz nada, 'não possui uma riqueza imensa', 'não dá combates'! Acima de tudo, é o homem, real e vivo, que faz tudo isso e realiza combates; não é a história que se serve do homem como de um meio para realizar seus próprios fins; ela não é mais que a atividade do homem que persegue seus objetivos"*. O homem real e vivo está nos dois polos da luta de classes, nos dois lados da "guerra civil mais ou menos oculta", da guerra civil que "explode numa revolução aberta" sob a forma concreta que os antagonismos entre capital e trabalho assumem nos conflitos da burguesia com o proletariado.

Revolução e contrarrevolução constituem, por consequência, duas faces de uma mesma realidade. Sob a guerra civil latente, a pressão autodefensiva da burguesia pode ser contida nos limites da "legalidade"; por sua vez, o contra-ataque proletário fica circunscrito à defesa de sua autonomia de classe e de sua participação coletiva no sistema de poder burguês. Quer dizer, a burguesia afasta-se das tarefas históricas impostas por

sua revolução de classe, mas o proletariado não. *Ele força e violenta os dinamismos da sociedade capitalista, obrigando os setores estratégicos das classes burguesas a retomar pé na transformação revolucionária da ordem social competitiva.* Onde isso não ocorreu ou ocorreu de modo fraco e descontínuo, a democracia burguesa se revelou débil e propensa às contrações contrarrevolucionárias dos regimes ditatoriais.

Sob a guerra civil aberta, a pressão autodefensiva da burguesia torna-se virulenta e se coloca acima de qualquer "legalidade". Por sua vez, o proletariado bate-se pela conquista do poder ou pela instauração da dualidade de poder que exprima claro a legalidade que a revolução opõe à ilegalidade da contrarrevolução. O campo da luta de classes adquire uma transparência completa e converte-se em um campo de luta armada, pela qual a revolução e a contrarrevolução metamorfoseiam a guerra civil a frio ou/e a quente, em um prolongamento da política por outros meios. A vitória de uma ou de outra classe depende da relação da revolução e da contrarrevolução com as forças sociais que outras classes podem colocar à disposição da transformação revolucionária ou da defesa contrarrevolucionária da ordem. Isso torna decisivo o equacionamento de estratégias revolucionárias compatibilizadas com as exigências e possibilidades das situações concretas.

Lenin trata dos indícios de uma situação revolucionária e das probabilidades da eclosão revolucionária: "está fora de dúvida que *a revolução é impossível sem uma situação revolucionária, mas nem toda situação revolucionária leva à revolução.* Os três indícios principais de uma situação revolucionária são: 1) impossibilidade para as classes dominantes de manter sua dominação sob uma forma inalterada; crise do 'vértice', crise

da política da classe dominante, o que cria uma fissura onde os descontentes e a indignação das classes oprimidas abrem um caminho. Para que a revolução estoure *não é suficiente que 'a base não deseje mais' viver como antes, mas é necessário que 'o cume não o possa mais'*; 2) agravamento, mais do que é comum, da miséria e do desespero das classes oprimidas; 3) intensificação acentuada da atividade das massas que se deixam pilhar nos períodos '*pacíficos*' mas que, *no período tempestuoso, são empurradas pela crise no seu conjunto ou pelo próprio vértice para uma ação histórica independente*".

Sem essas transformações objetivas, a revolução é impossível. É o conjunto dessas transformações objetivas que constitui uma situação revolucionária. Conheceu-se essa situação em todas as épocas de revoluções no Ocidente, embora não tenham ocorrido revoluções em tais momentos. Porque a revolução não surge de toda situação revolucionária, mas só quando às transformações objetivas enumeradas se acrescenta uma transformação subjetiva, a saber: *a capacidade da classe revolucionária de conduzir ações revolucionárias de massa vigorosas para destruir completamente (ou parcialmente) o antigo governo que não cairá jamais, mesmo em épocas de crises, se não for 'compelido a cair'*". "A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções, é: para que a revolução tenha lugar não é suficiente que as massas exploradas e oprimidas tomem consciência da impossibilidade de viver como antes e reclamem transformações. Para que a revolução tenha lugar é necessário que os exploradores não possam viver e governar como antes. É só quando (os de baixo) não querem mais e (os de cima) não podem mais continuar a viver da antiga maneira, é então que a revolução pode triunfar. Essa verdade se expri-

me em outras palavras: a revolução é impossível sem uma crise nacional (afetando explorados e exploradores). Assim, para que haja uma revolução, é preciso: a) *conseguir que a maioria dos operários* (pelo menos a maioria dos operários conscientes, politicamente ativos) *tenha compreendido a necessidade da revolução e esteja disposta a morrer por ela*; b) *que as classes dirigentes atravessem uma crise governamental que envolva na vida política até as massas mais retardatárias que enfraqueça o governo e torne possível aos revolucionários a sua pronta substituição* (o indício da revolução verdadeira é a rápida elevação do número de homens aptos para a luta política, entre a massa laboriosa, oprimida e até a apática)" (Lenin).

Como parte do cerco capitalista contra o movimento socialista revolucionário, suscitou-se a polêmica sobre o aparecimento de um partido proletário revolucionário que substituiu a classe por uma vanguarda política e confere todo o poder de decisão ou de direção a pequenas elites de revolucionários profissionais. Depois das experiências históricas da Comuna de Paris e em função da dura repressão que a burguesia desencadeou sobre o proletariado na Europa, ficara claro que as tarefas revolucionárias impunham ao proletariado uma centralização mais eficiente e produtiva de seu potencial revolucionário. *Isso não quer dizer que a constituição do partido proletário revolucionário equivalia à formação de uma elite "exterior" à massa, em típica relação de dominação com ela* (como se o partido socialista revolucionário reproduzisse a estrutura do Estado capitalista e, em particular, de suas Forças Armadas). Já no Manifesto, Marx e Engels assinalaram o papel dos comunistas, diante dos proletários, como *"a fração mais resoluta e avançada dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais"*, com

a vantagem da *"compreensão nítida das condições, da marcha e fins gerais do movimento proletário"*. *"O fim imediato dos comunistas é o mesmo que o dos outros partidos operários: constituição do proletariado em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado"*.

A existência de uma classe revolucionária não constituía uma "invenção" deles. *Sem um proletariado consciente e organizado, a revolução proletária nunca passaria de uma miragem. Qualquer partido revolucionário do proletariado não pode, pois, prescindir do proletariado como classe, e nem poderia pretender mais do que ser instrumental para os três objetivos centrais* mencionados no Manifesto. Lenin ressalta: "A vanguarda do proletariado é conquistada ideologicamente. De outro modo, mesmo dar um primeiro passo na direção da vitória será impossível. Porém, daí à vitória ainda há uma grande distância. Não se pode vencer somente com a vanguarda. *Lançar somente a vanguarda na batalha decisiva*, enquanto toda a classe e as grandes massas não tenham tomado uma atitude de apoio direto à vanguarda, ou pelo menos uma neutralidade benévola, *seria tolice e mesmo um crime*. Para que toda a classe, as massas de trabalhadores e oprimidos do Capital cheguem a tal posição, a propaganda, *só a agitação não é suficiente. É preciso que essas massas façam sua própria experiência política*. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções".

3. É possível "impedir" ou "atrasar" a revolução?

A revolução social do proletariado não constitui uma fatalidade do desenvolvimento capitalista. Se fosse assim, o movimento revolucionário seria dispensável e o sindicalis-

mo, o socialismo, o anarquismo e o comunismo não teriam razão de ser. O Manifesto diz: *"o elemento 'exterior' na ação dos comunistas provém da necessidade de levar ao proletariado 'uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário'"*. Em uma dada situação, pode ser necessário fortalecer e acelerar a "constituição do proletariado em classe"; em outra pode ser necessário solapar e abalar "a supremacia burguesa", e, onde os proletários contem com as condições indispensáveis de organização como classe independente e possam compelir a burguesia a aceitar sua atividade política e a tolerar sua presença revolucionária, a *necessidade central poderá ser a "conquista do poder político"*. Esses fins podem mesclar-se, a partir de condições históricas típicas de uma situação revolucionária. O central é a luta de classes. A luta de classes se manifesta desde o início, desde o "ponto zero" desse movimento histórico, no qual o proletariado não reúne as condições materiais e sociais de uma classe e *o objetivo revolucionário larvar vem a ser a constituição da classe*.

Constituir-se e expandir-se como classe independente é uma façanha, tão difícil quanto lutar contra a supremacia burguesa, para conquistar espaço histórico e político, mais ou menos dentro da ordem, e travar a luta direta pelo poder, o controle da sociedade e o comando do Estado. Segundo Lenin, *é depois de derrubar a burguesia e de construir uma democracia proletária que se torna ainda mais difícil defender a revolução social e conduzi-la para diante*. Aí é que os proletários, com seus aliados, precisam evidenciar mais firmeza, tenacidade e capacidade coletiva de sacrifício. *Para os que acham que a revolução é uma aventura, que acreditam que se consegue a*

revolução "por encomenda", tudo é simples, basta provocar a burguesia e tomar-lhe o poder.

Quanto mais desenvolvido for o sistema de produção capitalista, maior será a facilidade que as classes possuidoras e dominantes encontrarão em se fortalecer através da luta de classes. Essa regra se evidenciou e de maneira clara com a derrota da Comuna. Ao contrastar o poder da burguesia ao poder da nobreza feudal, Marx e Engels assinalam a natureza das dificuldades que os proletários teriam de enfrentar e de vencer. *Só depois de conquistar o poder teria o proletariado probabilidades de alterar sua relação com a sociedade capitalista e de usar o poder político para levar até o fim a destruição da ordem existente ou de encetar, a fundo, a construção de uma nova ordem social.* Enquanto combate dentro da ordem capitalista e através de meios legais, qualquer que fosse sua capacidade de recorrer à violência, o proletariado poderia, no máximo, redefinir sua relação com a revolução burguesa, reacendendo os seus estopins, para ampliar sua autonomia e organização, como e enquanto classe, e serrar os dentes ou amarrar os braços das classes dirigentes.

Continuando com sua hegemonia social e política, estas classes poderiam enfrentar a maré montante, *fazendo concessões e ampliando os direitos civis, sociais e políticos do proletariado, dentro da ordem, ou aproveitar as condições favoráveis para reduzir o ímpeto da pressão operária e, se possível, neutralizá-la.* Em outras palavras, a luta de classes impõe ziguezagues aos dois lados e, em termos estratégicos, a burguesia sempre dispõe de vantagens que não podem ser subestimadas. A Comuna permitiu uma demonstração conclusiva. A burguesia pode aproveitar todas as vantagens de uma guerra civil a quente, inclusive um

forte apoio externo de outros países capitalistas, fácil de mobilizar em virtude do caráter mundial do mercado capitalista e do interesse mundial que liga as várias burguesias, no patrocínio à mão armada de seus interesses vitais.

Os antecedentes da Primeira Grande Guerra mostraram um painel ainda mais sombrio. A rapidez com que o rico movimento socialista foi convertido ao social-patriotismo revela o poder de corrupção que o controle da economia, da sociedade e do Estado coloca nas mãos das burguesias dominantes nos países capitalistas mais adiantados. *Elas não precisam recorrer à violência para autodefender-se, autoprotoger-se e contra-atacar. Basta incorporar um setor mais amplo da vanguarda operária e das burocracias sindicais ou partidárias do proletariado às classes médias, para convertê-los em burgueses e em cavaleiros andantes da democracia burguesa.* A violência é algo a que se recorre quando a contrarrevolução vitoriosa concede todos os trunfos às classes dominantes. Em contraposição, o que os operários e camponeses são capazes de fazer, se chegam a dispor de recursos estratégicos análogos, é demonstrado pela revolução bolchevique. Todas as forças lançadas contra o Estado bolchevique, a partir de dentro e a partir de fora, foram batidas e destroçadas.

Uma análise que leve em conta as evoluções ocorridas nas sociedades capitalistas centrais descobre que *a burguesia não só aprendeu a conviver com a luta de classes, mas vergou o próprio movimento socialista e comunista.* Forçou-os a definir como seu eixo político a forma burguesa de democracia – forçou-os a renegar a luta de classes e os meios violentos, “não democráticos”, de conquista do poder. Isso não implica que a revolução proletária tenha sido proscrita, que “o perigo passou”. Mas, implica em um avanço considerável da burguesia,

em escala nacional e mundial, na utilização da luta de classes em proveito da defesa do capitalismo. É uma aprendizagem que proporcionou vantagens na "luta ideológica" de algo substancial: *a burguesia aprendeu a usar globalmente as técnicas que lhe são apropriadas de luta de classes e ousou incorporar essas técnicas a uma gigantesca rede institucional, da empresa ao sindicato patronal, do Estado às organizações capitalistas continentais e de âmbito mundial. Enquanto o movimento socialista e comunista optou por opções "táticas" e "defensivas", a burguesia avançou estrategicamente, ao nível financeiro, estatal e militar, e procedeu a uma revolução das técnicas da contrarrevolução. Inclusive, abriu novos espaços para si própria, explorando as funções de legitimação do Estado, para *amarrar as classes trabalhadoras à segurança da ordem e soldar os sindicatos ou os partidos operários aos destinos da democracia*.*

Não cabe, aqui, ir ao fundo do assunto, nem perguntar quais foram os erros que sindicalistas, socialistas, anarquistas e comunistas cometeram para serem relegados à condição de massa de manobra da burguesia, em um momento histórico, onde o proletariado possui todas as condições de classe em si e para si. *O que conta, tão somente, são concessões traidoras e suicidas. Do abandono do internacionalismo proletário passou-se ao social patriotismo e, deste, à renegação do aprofundamento da luta de classes e da revolução proletária, como se a ordem social competitiva pudesse chegar a um estágio de confraternização de classes sociais antagônicas*. Isso é uma vitória não apenas circunstancial, mas prolongada e histórica da burguesia! O movimento histórico do proletariado vergou exatamente nos países onde ele tinha as melhores condições para dinamizar a luta de classes de forma revolucionária. Fica claro que a marcha da luta de classes

pode oscilar e que tais oscilações se traduziram no declínio prolongado do potencial da classe operária de bater-se pela "conquista do poder". Se ela sucumbe no plano prévio de enfrentamento com a "supremacia burguesa", inclusive incorporando a ideologia de classe da burguesia e sua forma de democracia, ela tem de abater-se e sucumbir ao poder do Estado. É fácil dizer: *isso não quer dizer nada, o proletariado poderá perder todas as batalhas, mas não perderá a guerra*. Como ganhar a guerra sem aceitar "todas as batalhas"?

O que tem prevalecido é a contrarrevolução, macia e a frio, que drena as forças proletárias mais estuantes para o "exército da ordem"; que perfilha os proletariados mais fortes, organizados e promissores às palavras-chave da democracia burguesa, convertida no alfa e ômega do sindicalismo e do socialismo militantes. Por fim, numa época de crise de civilização, que é crise da civilização burguesa, descobre-se que o "*mundo livre*" é o mundo da civilização burguesa! As "*promessas do proletariado*" *não se concretizaram porque as classes trabalhadoras foram batidas*. Culpar o consumo de massas, as guerras, à corrupção parcial ou global de vanguardas operárias e da aristocracia operária, à omissão da União Soviética... não muda a realidade das coisas. As classes burguesas, ameaçadas de extinção, fizeram o que estava na lógica da situação revolucionária para que fizessem. Revitalizaram, até onde foi possível, o polo burguês da luta de classes e mergulharam a fundo na contrarrevolução, beneficiando-se das novas revoluções tecnológicas e dos recursos que trouxeram ao fortalecimento do capitalismo, à renovação da opressão e aperfeiçoamento da repressão. Comprovaram que o poder burguês não pode ser derrotado de modo tão fácil quanto o poder feudal e que o movimento

*socialista revolucionário precisa recalibrar-se e reaparelhar-se para revolucionar suas técnicas de revolução. O polo proletário da luta de classes entrou em declínio e sofreu um colapso prolongado. Houve enfrentamentos e sacrifícios imensos, mas sem consequência à vitória da causa revolucionária do proletariado. Nem a ótica socialista nem a comunista responderam às exigências da situação. *De concessão em concessão, de miséria em miséria, suas forças militantes perderam a oportunidade histórica e viram-se condenadas, para salvar o "espaço histórico do proletariado", a renegar os valores fundamentais do socialismo revolucionário e toda a estratégia revolucionária do proletariado na luta de classes.**

É hora de ler e reler o Manifesto. Não é um catecismo, nem o mundo histórico para o qual foi calibrado existe mais. No entanto, é preciso lê-lo e relê-lo, a fundo, por outra razão: *trata-se de recuperar a verdadeira ótica do socialismo revolucionário e do comunismo. A luta de classes não constitui um artigo de fé. Ela é uma realidade e só poderá desaparecer se o capitalismo for destruído.* Por maior que seja a parcela do "bolo" reservada à satisfação da aristocracia operária, ou das classes trabalhadoras, *a ordem capitalista nunca poderá alterar-se de modo a subverter a relação básica entre capital e trabalho. O próprio capitalista só tem interesse no "amortecimento" e no "solapamento" da luta de classes, enquanto puder manter integralmente a forma capitalista de propriedade privada e de exploração do trabalho.* *O capitalismo reformado é uma balela e os que acreditam nele como "uma forma de revolução democrática", capaz inclusive de superar o socialismo proletário, nunca tiveram quaisquer elos efetivos com as posições proletárias na luta de classes.* A volta ao Manifesto será, pois, uma maneira de

ressoldar os liames do movimento socialista com o proletariado e com a revolução anticapitalista.

Não faltam análises mostrando o “caráter utópico” do renascimento de uma autêntica consciência proletária da transformação do mundo porque *desapareceram as condições para a manifestação e o florescimento fermentativo dos conflitos de classes!* Insiste-se no crescimento das classes médias, no estreitamento do setor proletário ou na predominância do trabalho intelectual para ressaltar que, sob a grande indústria ultramoderna, a sociedade de massas despolitiza a consciência e o comportamento ativo das classes oprimidas. Até parece que as classes possuidoras e dominantes descobriram seu paraíso, graças à civilização industrial recente! Esse pessimismo radical mostra até onde foi a pressão burguesa, depois de um século de subversão contrarrevolucionária do movimento e do pensamento socialista. Mostra até onde foi depois das versões de revisionismo, do social-patriotismo e do socialismo reformista, para a defesa da ordem, calcada na ideia de que a revolução proletária se tornou impraticável ou improvável e um contrassenso político.

Os que não gostam do capitalismo precisam aprender a conviver com ele, a torná-lo “mais humano”, através da dissidência inteligente e dos movimentos dotados de centros múltiplos de defesa comunitária da “qualidade da vida”! Ora, o capitalismo é o maior coveiro da qualidade da vida. Por onde ele passou com vitalidade, nos países do centro e da periferia, superdesenvolvidos, subdesenvolvidos ou não desenvolvidos, o efeito foi sempre o mesmo. *A qualidade da vida não passa de uma miragem e os múltiplos movimentos que propagam as suas bandeiras apenas demonstram a impotência dos seres humanos que pretendem conciliar capitalismo e razão.*

Nem é preciso a guerra, aberta ou mascarada, para deixar patente que a única defesa correta da qualidade da vida constitui uma função do desmantelamento da civilização industrial capitalista – *ou qualidade da vida se processa através do socialismo revolucionário, ou o movimento histórico em sua defesa nunca irá além de uma quimera.*

Claro que a revitalização dos ideais revolucionários não pode ocorrer “como se estivéssemos” no século XIX. A luta de classes é suscetível a várias adaptações. O essencial é que não seja extinta ou paralisada, em nome de mistificações, como a que a encerra no universo legal e pacífico de defesa da forma burguesa de democracia. *A via democrática compatível com a luta de classes é a que se cria graças ao enfrentamento das classes subalternas e oprimidas com as classes dirigentes e opressoras. Seria ilusório supor que as classes subalternas e oprimidas possam organizar-se para levar a luta de classes a um patamar revolucionário seguindo à risca o modelo burguês de democracia ou prescindindo da forma concreta de democracia real interna em seu movimento histórico. A democracia é um valor supremo, um fim maior e um meio essencial. No caso das rebeliões dos oprimidos sob o capitalismo, um meio essencial sine qua non: a ordem capitalista não é negada senão depois da conquista do poder. O deslocamento da supremacia burguesa e a necessidade da conquista do poder exigem uma democratização prévia, de natureza proletária, das organizações operárias de autodefesa e ataque. O que entra em jogo não é ou democracia ou revolução proletária. Desde que o proletariado tenha condições de lançar-se à dinamização da luta de classes, põe em equação histórica uma forma política de democracia que as classes burguesas não podem endossar e realizar.*

Não são os proletários que têm interesse em despojar-se das condições vantajosas de travar a luta de classes sob o capitalismo monopolista e imperialista da era atual. Isso é imposto por meios coercitivos ou suasórios pela violência burguesa. O Estado democrático tem de destruir o movimento operário ou impedir que ele lute por seus objetivos históricos centrais, porque a democracia burguesa não é forte para conter os antagonismos gerados pela produção capitalista e pelo desenvolvimento do capitalismo. Essa forma política de democracia não comporta a contraviolência dos proletários e oprimidos porque esta extinguiria as bases econômicas, sociais e políticas da dominação burguesa. Ela não pode conferir liberdade igual a todas as classes sem desintegrar-se. É impossível reformar o capitalismo de uma forma proletária. Para reformar o capitalismo de uma forma proletária seria preciso eliminar todas as causas da desigualdade econômica, social e política que existem, e se reproduzem, sob o capitalismo. Quer dizer, engendrar na sociedade e na civilização capitalistas existentes, a forma histórica que a sociedade e a civilização tenderão a assumir graças e através do socialismo.

As mistificações dos "socialistas democráticos" são evidentes. A democracia burguesa de nossos dias é uma democracia armada, e armada contra isso. A "democracia forte" possui as mesmas causas que o fascismo e busca os mesmos fins. Nasce do temor da burguesia diante da revolução proletária e pretende paralisar a história. Se tudo isso fosse compatível com a forma política que a democracia tende a assumir com a erupção e ascensão das classes subalternas e oprimidas na história, o mundo moderno nascido da revolução industrial e das revoluções técnicas sucessivas, que enriqueceram o capitalismo

sem modificá-lo em sua substância, seria muito diferente do que *ele é*. A Humanidade poderia alcançar uma nova época de civilização sem passar pelo socialismo e pelo comunismo! O sindicalismo, o anarquismo, o socialismo e o comunismo já estariam mofando nos porões da história, pois os proletários e seus aliados poderiam construir o mundo da igualdade, da liberdade e da fraternidade sem ter de recorrer à luta de classes e sem lançar mão da contraviolência para assegurar certos mínimos que a democracia liberal não confere a todos de modo universal!

4. Como “fortalecer a revolução” e “levá-la até o fim”?

Os proletários relacionam-se com duas revoluções distintas: *a) com a revolução burguesa, como força tutelada e cauda política da burguesia; b) com a revolução proletária, criando as condições que a tornam possível, dentro da ordem burguesa e, mais tarde, na luta pela conquista da hegemonia social e do poder político.* A literatura socialista fala pouco da relação do proletariado com a primeira revolução. No plano prático, nos países capitalistas “subdesenvolvidos”, vários partidos de esquerda e os partidos comunistas conferiram à revolução burguesa o caráter de objetivo central. A falta de rigor teórico levou a erros políticos estratégicos. É tão verdadeiro que, nos países onde a revolução proletária venceu, os partidos comunistas ou as forças revolucionárias modificaram, em tempo, a estratégia. Deixaram de separar a burguesia nacional do imperialismo; reconheceram que as classes burguesas internas não fariam frente às suas tarefas revolucionárias; entenderam

que as crises de poder comportavam a coexistência de dois padrões de revolução social; e deram prioridade à revolução proletária, percebendo que as massas a apoiariam com entusiasmo. Esses avanços foram lentos e complicados, pois era preciso pôr à prova as classes burguesas e ver o que, dentro delas, constituía força revolucionária real. Onde esta evolução não se concretizou, manteve-se a “ilusão constitucional e democrática”, nas piores condições possíveis. *Os proletários e as massas camponesas ficaram à mercê dos apetites de burguesias débeis e desinteressadas em aprofundar sua própria revolução*. Isso abriria espaço político para as massas destituídas e subalternas e acarretaria transformações históricas incontroláveis relativas ao proletariado com sua revolução.

As “forças da ordem” se voltam contra as condições de organização e de desenvolvimento independente dos proletários enquanto classe; contra os sindicatos e partidos proletários ou identificados com o proletariado, que desenrolem uma propaganda política revolucionária. O movimento repressivo ataca, nos dois níveis centrais, a posição proletária na luta de classes. Qualquer ganho no primeiro nível, oferece à burguesia a vantagem de uma debilitação estrutural e prolongada das classes destituídas e subalternas. Estas são confinadas à “apatia”, não encontram na ordem capitalista condições para a própria constituição e fortalecimento como classe independente. *A “apatia das massas” é um produto político secretado pela sociedade capitalista e manipulado pelas classes dirigentes*. Qualquer ganho no segundo nível, permite à burguesia reduzir o alcance e os ritmos históricos da luta de classes, porque *se quebra* a espinha dorsal do movimento proletário – a sua vanguarda de classe e política. *A intervenção, nesta área, visa impedir ou solapar*

os riscos que a atividade revolucionária do proletariado possa acarretar para a "supremacia burguesa" e sua dominação de classe, e eliminar ou reduzir os conflitos de classes que possam engendrar crises profundas e aproximar as classes destituídas e oprimidas da conquista do poder.

Não estamos mais no "ambiente pioneiro" dos primeiros processos de industrialização. Nem a *via inglesa* nem a *via francesa* podem mais ser tomadas como modelos: a mudança social espontânea não produz mais os mesmos efeitos. Porque a burguesia já aprendeu a receita e pode impedir, no nascedouro, transformações importantes para as classes trabalhadoras. Mas, principalmente, porque existe um forte componente universal de pressão contrarrevolucionária nas reações burguesas autodefensivas: esmagar enquanto é tempo tem sido a receita primária e eficaz posta em prática nos tempos atuais. Esse esmagamento sistemático produz um proletariado anêmico e com fraca base estrutural para movimentar a luta de classes. Torna-se um "inimigo débil", fácil de ser encurralado ou "fácil de contentar".

Esse esmagamento se faz a partir de muitas tenazes que visam fragmentar as classes trabalhadoras, no campo e nas cidades. As tenazes vão da manipulação das leis, da polícia militar e dos tribunais de trabalho até os quadros de dirigentes sindicais e partidários ideologicamente perfilhados à burguesia e politicamente presos às compensações da ordem. Mas, também vai do controle ideológico e político dos sindicatos e partidos operários até à atuação do aparelho estatal. É "natural" para a burguesia ser e afirmar-se como uma classe: ela *dispõe da ordem legal e nega a condição de classe como um "fator de distúrbio, de insegurança ou de desunidade"*. Com isso, a condição de sua

existência como classe tende a converter-se na condição de eliminação, alinhamento e capitulação passiva das outras classes.

As alterações históricas mostram que os sindicalistas, socialistas, anarquistas e comunistas precisam devotar uma atenção mais séria e concentrada às novas formas de mudança social deliberada que precisam ser postas em prática no presente, se se pretender galvanizar a constituição do proletariado como classe independente e intensificar o seu desenvolvimento como tal. A burguesia tomou a dianteira, em muitas esferas, através dos movimentos em que se envolvem o trabalho social e o serviço social como "fator de equilíbrio da ordem" e de consolidação da "autonomia comunitária". Propalam-se os objetivos da cultura cívica, da mobilização popular e da participação ativa dos carentes na solução de seus problemas. Mas, deixa-se na penumbra o fato de que os "carentes" não têm como equacionar seus problemas e resolvê-los na sociedade capitalista. A saída seria de deixar de ser "carente" através da proletarização e da luta de classes, forçando-se o revolucionamento da ordem democrático-burguesa até seus limites e a destruição revolucionária dessa ordem. Para isso, o movimento sindical e os partidos proletários têm de libertar-se de certas vias tradicionais que privilegiam a mudança social espontânea, o crescimento gradual e o aburguesamento da luta de classes.

A burguesia põe em prática uma estratégia de luta global e os proletários devem fazer o mesmo. Pelo menos a fábrica, o sindicato, o local de existência da família, com alguma forma de organização partidária e de pressão direta sobre o Estado, podem ser mobilizados de forma permanente. A constituição do proletariado como classe independente abrange essa irradiação estrutural e dinâmica. Ao contrário do que ocorria quando

os proletários europeus não constituíam uma classe e estavam no *vir a ser* da classe, *hoje impõe-se um mínimo de poder real, como ponto de partida. Não o poder do sindicato ou o poder do partido poder mediado, mas o poder intrínseco à classe*, análogo ao que serve à burguesia para armar, manter e reproduzir sua dominação de classe e seu controle direto e indireto sobre o Estado. A violência da repressão, inerente à contrarrevolução burguesa prolongada, exige *essa forma elementar de contrapoder* sobre a qual terá de se sustentar o crescimento orgânico do proletariado como classe independente, em escala nacional. Esse movimento básico tem de encontrar apoio nos sindicatos e nos partidos operários que não podem fomentá-lo e dirigi-lo porque dependem da sua existência para ganhar autonomia, crescer e incorporar-se a dinâmica mais avançada e madura de luta de classes. Só depois que essa atividade direta produzir certos frutos e um patamar de amadurecimento médio, a classe pode deslanchar sem que seja permanentemente pulverizada e esmagada pela pressão burguesa “espontânea”, “legal” e “organizada”. O contrapoder operário se diferenciará e crescerá quando a classe assumir os contornos morfológicos e dinâmicos da classe em si, como poder real suscetível de operar como contrapeso ao poder burguês e de conferir aos proletários e suas organizações a base social e política para movimentar a luta de classes, em todas as direções estratégicas, contra a supremacia burguesa às pugnias pela conquista do poder.

Trata-se de estabelecer um patamar histórico a partir do qual eles possam funcionar *para os trabalhadores*, não para a ordem existente. *Sem a existência de um proletariado constituído como classe independente, não haverá sindicatos e partidos operários independentes*. As diversas formas de união e

de organização do proletariado são essenciais para a luta de classes e, principalmente, para que a classe em si possa evoluir e afirmar-se como *classe em si e para si*, classe com tarefas revolucionárias. Os sindicatos e partidos operários ainda são as organizações mais ativas e eficientes, em escala nacional, na luta de classes do proletariado. Mas, só contam com a cena histórica apropriada quando a luta de classes propõe a redução da supremacia burguesa por parte das classes destituídas e subalternas. A partir daí, juntam-se duas coisas decisivas: *os proletários secretam uma vanguarda própria e esta pode lançar-se na luta de classes sem as inibições burguesas.* O exemplo dessa vanguarda arrasta à luta de classes o grosso do proletariado e comove outros setores de classes, como os camponeses pobres e alguns segmentos dissidentes das classes médias. O marco político de luta se alarga e se aprofunda – e a massa que se mobiliza contra a ordem burguesa deixa de ser tão somente uma massa proletária.

É nesse nível histórico do desenvolvimento da luta de classes que algumas organizações operárias (o sindicato e o partido) ganham relevo, no plano econômico, social e político. O sindicato possui um âmbito de ação que permite revolucionar a relação do operário com o trabalho, a empresa e a dominação econômica da burguesia, direta ou por via do Estado. *As greves constituem o caminho por excelência da aprendizagem política inicial e o primeiro patamar no qual a classe em formação demonstra a sua vitalidade e a sua capacidade de passar da "guerra civil oculta" para a "guerra civil aberta".* Os teóricos do sindicalismo revolucionário exageraram o papel criador da greve (greve geral). Não obstante, *a greve geral permite romper as barreiras do economismo, da greve reivindicativa e contida*

dentro da ordem, e constitui um terreno fértil de educação do proletariado para os alvos políticos mais importantes da luta de classes. Nem sempre será um chamamento para a insurreição, mas sempre provoca alterações decisivas no que se refere à disciplina operária, ao emprego de técnicas de agitação e de propaganda, recrutamento e promoção de quadros combativos, até as que dizem respeito à superação do sindicalismo pelo transbordamento da atividade grevista, à criação de vínculos de solidariedade na classe trabalhadora e com outras classes assalariadas, à ativação dos partidos operários e à reeducação da burguesia nas "atitudes autoritárias" e comportamentos egoísticos dos estratos dirigentes das classes dominantes.

O grau de aproveitamento de toda essa fermentação criadora depende da fluidez dos sindicatos diante da atividade dos partidos operários e da identificação revolucionária dos partidos operários frente a luta econômica, social e política para abalar ou reduzir a supremacia burguesa e vincular a luta de classes à conquista de poder pelo proletariado. A formação de modelos rígidos prejudicou sindicatos e partidos; aqueles privilegiaram demais a luta reivindicativa, o reformismo gradual e "conquistas democráticas", pelos exemplos europeus e norte-americanos; os últimos "autonomizaram" demais a centralização de comandos políticos tidos por revolucionários, graças a uma cópia errada do bolchevismo na sua fase de apogeu.

Foram os partidos que sofreram com maior violência a repressão da ordem e, por isso, refletiram de modo mais concentrado a necessidade de autoprotoger-se e atacar com cuidado. Nessa evolução, o exemplo soviético deixou de ter qualquer valor e os partidos operários mais congruentes foram levados ou à acomodação passiva com a burguesia ou à prioridade

indiscutível do partido sobre a classe. Então, o socialismo e o comunismo deixaram de ser um concomitante estrutural e dinâmico do crescimento do proletariado como classe. *Os partidos voltaram-se para o proletariado, mas sua ótica não era nem socialista nem comunista: em vez de favorecer a constituição e o desenvolvimento independente do proletariado, tenderam a converter a classe proletária numa espécie de presa política e de massa de manobra*. Com isso, resolviam seus problemas práticos de relacionamento com a ordem e de resposta à intimidação das classes possuidoras e seus círculos dirigentes. Essa técnica adaptativa retirou vários segmentos das classes trabalhadoras da apatia forçada e do isolamento político.

Impõe-se alterar a relação do partido operário com a classe trabalhadora e com a sociedade. *A contrarrevolução prolongada atinge a consciência proletária e a solidariedade ativa do proletariado na luta de classes*. A pressão é feita para a neutralização e "mobilização democrática" e "pacífica". *Só os partidos operários possuem condições de propagar o socialismo e o comunismo no interior das classes destituídas e oprimidas*. Não basta o crescimento do proletariado e o fortalecimento do sindicalismo como "corporação". É preciso que a expansão das classes trabalhadoras seja acompanhada da proletarização política revolucionária – movimento político que mude a relação dos proletários com a ordem e sedimente a luta de classes, para conversão da revolução *dentro da ordem* em uma revolução contra a ordem.

Isso não nasce de qualquer "espontaneísmo" operário. Precisa ser visado de modo explícito, pois *a luta de classes precisa ser orientada em sua direção de forma planejada*. Neste momento, em que a burguesia pretende eliminar todas as outras

filosofias políticas e impor à sociedade a “filosofia da livre empresa”, *o grau de saturação socialista e comunista da consciência proletária e do comportamento político do proletariado constitui a garantia efetiva de que a luta de classes corresponderá aos ideais de extinção do capitalismo e eliminação das classes.* Acresce que a dominação burguesa possui dois polos desiguais, onde o polo externo e imperialista possui um poder de pressão contrarrevolucionária muito mais forte. Em vez do frenesi por palavras de ordem contra o imperialismo, é necessário educar politicamente os proletários para distinguir a sua revolução da revolução burguesa e querer algo coletivamente: a transformação socialista da sociedade. O socialismo não transforma o mundo: são os proletários identificados com o socialismo revolucionário que o fazem!

A vitória do socialismo não simplificou nem facilitou a trajetória da revolução proletária nos países capitalistas, no centro e na periferia. Na situação histórica atual, o consumo de massa e a classificação pelo emprego alteram o contexto da constituição do proletariado. *As pressões externas da sociedade atuam de modo camuflado para identificar os destituídos e oprimidos com as ilusões democráticas e constitucionais para envolvê-los na trama da dominação burguesa e da lealdade ao Estado burguês. O aburguesamento dos oprimidos e desperdidos constitui uma força atuante e multifacetária que precisa ser combatida de frente, através da proletarização da consciência das massas, às vezes, sem contar com uma base material e social de classe suficientemente sólida.*

A contrarrevolução não deixa tempo à revolução. Ou os proletários são ganhos para a luta contra a ordem ou a ordem se reproduz graças a uma violência ultrarrefinada e concentrada, que a

contrarrevolução manipula com eficácia. Não há como se evadir ao dilema nem alterar a ordem natural das coisas, a marcha da constituição da classe, a evolução da luta de classes e a natureza dos papéis revolucionários do proletariado. Pode-se pensar numa mudança de estratégia política – incentivar os proletários a sentir a necessidade de antecipar a demonstração de seu contrapoder e reexaminar o modo pelo qual a ótica socialista e comunista tem sido usada na saturação do horizonte cultural do proletariado. O estrangulamento se dá porque *os partidos socialistas avançaram em direção a uma defesa do “socialismo democrático” que colide com a substância socialista da revolução proletária* e tornaram-se o setor ultraradical da burguesia. *E a ótica comunista voltou-se demais para as funções revolucionárias do partido e deixou um vazio histórico nas relações dialéticas com o proletariado e a dinamização proletária da luta de classes.*

Nesse intervalo histórico, a burguesia ganhará uma vantagem decisiva. Além de dividir os que deviam facilitar a concentração política das forças da revolução, pela lógica das opções e alianças se beneficiará com o apoio tácito ou a retração das parcelas das forças da revolução que resvalaram para posições contrarrevolucionárias. Junto com a tentativa de esmagamento do proletariado como classe, presente na ótica burguesa e mais ativa graças à contrarrevolução prolongada, soma-se uma negligência cega dentro das esquerdas quanto à qualidade da revolução proletária. *Começa-se e depois se verá* foi uma norma que movimentou alguns avanços no “elo débil”, mas não pode ser convertida em norma geral ou princípio unificador da revolução proletária. O desenraizamento do proletário se alicerça em suas condições de trabalho e de existência. *Todavia, há uma distância muito grande entre um proletariado “ideal-*

mente" desenraizado e um proletariado revolucionário. A eficácia do cerco capitalista às revoluções proletárias vitoriosas e as revoluções proletárias possíveis, se funda no conhecimento dessa distância e no aproveitamento de tal conhecimento no "controle da mudança social revolucionária".

A contrarrevolução burguesa atreve-se a ir longe para resguardar-se de um risco mortal; a revolução socialista marca passo, avançando com prudência e em oscilações, cujos fatores determinantes se encontram nas próprias debilidades conjunturais do capitalismo mundial. É a evolução natural da sociedade de classes que pontilha o gradiente das revoluções proletárias. Onde surge uma situação revolucionária, surge também a oportunidade histórica para acelerar a rebelião das classes subalternas e oprimidas, dinamizar a luta de classes e jogar os partidos revolucionários na crista da onda.

Chegou o momento para se pensar em uma estratégia global que redefina a relação de partidos socialistas revolucionários e partidos comunistas, com a constituição do proletariado como classe, o deslocamento ou a aniquilação da supremacia burguesa e a conquista do poder político pelo proletariado. Seria preciso passar do "aproveitamento de oportunidades históricas" para a criação de oportunidades históricas. A própria aceleração do movimento político do proletariado seria um fator de radicalização crescente da revolução. O socialismo e o comunismo não são "promessas de uma geração", eles constituem a alternativa que os proletários possuem à ordem capitalista existente. Desde que eles descubram isso e se devotem, com firmeza, coletivamente, ao propósito de converter a alternativa em realidade, o capitalismo das grandes corporações e do imperialismo onipresente estará condenado.

5. Revolução nacional ou revolução proletária?

A maioria dos países de origem colonial sofreu um desenvolvimento capitalista deformado e perverso. Muitos não lograram ter um desenvolvimento agrícola entrosado com o desenvolvimento urbano e poucos conseguiram um patamar de desenvolvimento industrial capaz de alimentar a formação de um proletariado industrial denso. Como consequência, não conheceram as reformas típicas da revolução burguesa como revolução agrícola, urbana, industrial, nacional e democrática. Outros países, de burguesias débeis e articuladas a aristocracias poderosas ou a burocracias influentes, conduziram a transformação capitalista a níveis altos, compensando o poder econômico, social e político da burguesia pela centralização política (Alemanha e Japão) e produziram grandes manifestações dos tempos modernos da civilização industrial capitalista.

*Os povos de origem colonial ou não partilharam da evolução do capitalismo, ficando à margem das vantagens dessa civilização ou participaram dela como colônias, semicolônias e nações dependentes. Isso gerou várias formas de desenvolvimento capitalista controlado *de fora* e voltado *para fora* em que estruturas e dinâmismos de suas economias e sociedades estavam nucleados a centros externos que exerciam ou compartilhavam do comando da exploração capitalista. Alguns países de origem colonial conheceram o não desenvolvimento, outros o subdesenvolvimento, e todos tiveram enormes parcelas da riqueza nacional transferidas para o exterior, alimentando o esplendor do florescimento do capitalismo na Europa, Estados Unidos, Japão.*

A revolução burguesa constituiu um problema para esses países. O sistema de produção não era bastante diferenciado

e dinâmico para servir de base a uma diferenciação do regime de classes. Suas burguesias ou eram “burguesias compradoras” ou burguesias fracas para arcar sozinhas com o peso econômico, a responsabilidade social e os riscos políticos inerentes à revolução burguesa. Em vários deles, a tentativa de “acelerar” a transformação capitalista pôs a descoberto as debilidades das classes burguesas internas e a oposição do imperialismo e a resistência das classes burguesas externas em permitir modelos de desenvolvimento capitalista independentes que escapassem ao colonialismo, neocolonialismo e à dependência em sentido restrito ou específico. Em consequência, movimentos revolucionários que se solidarizavam com as burguesias “nacionais” se descartaram delas e realizaram tipos de revolução que escapavam do controle imperialista e do modelo de desenvolvimento capitalista. *Algumas das principais revoluções proletárias de nossa época têm essa origem e a opção pelo socialismo se deu exatamente para enfrentar e resolver problemas e dilemas sociais que o capitalismo colonial, neocolonial e o capitalismo dependente não se coloca.*

Isto levou os países capitalistas centrais a uma alteração estrutural nas suas relações com a parte da periferia com maiores potencialidades de desenvolvimento capitalista: *elas forjaram uma transformação capitalista na qual a burguesia internacional desempenhava uma função equivalente à da aristocracia e à da burocracia nas vias “alemã” e “japonesa”.* Falando um Estado centralizado e “absoluto”, o que se conseguiu recorrendo-se à militarização das estruturas políticas estatais e a uma articulação política entre o setor militar, o setor empresarial e as classes burguesas externas. Assim, as ditaduras “salvadoras” e “modernizadoras” não camuflavam um arranjo

como as "burguesias compradoras" costumavam e costumam fazer. Elas exprimiam a constituição de um Estado burguês autocrático e que devia tirar a crônica crise do poder burguês, na periferia de seu perigoso ponto morto. As revoluções burguesas em atraso ganharam a cena histórica, mas destituídas da maioria das funções e tarefas revolucionárias ou reformistas que cercam os "casos clássicos" e "versões atípicas". O objetivo central era criar, para a burguesia interna e externa, um modo de aprofundar a transformação capitalista na esfera econômica, transferindo para um futuro incerto o atendimento de outras transformações que não poderiam ser realizadas de modo concomitante.

São alguns fatos crus, essenciais para um debate atual da orientação que deve ser imprimida à estratégia da luta de classes na periferia, em países que contam com desenvolvimento industrial de certo porte. Em nome do "combate ao imperialismo" ou da "democratização interna" devem as classes oprimidas dar apoio aos "setores nacionalistas da burguesia", batendo-se ao lado das "forças mais avançadas" das classes dominantes pelo aprofundamento da revolução burguesa? Tal debate não é novo e em quase todos os países da América Latina ele empolgou a vida política através do chamado desenvolvimentismo. O ponto central do debate está na escolha entre revolução nacional ou revolução proletária. Socialistas e comunistas não entram nessa escolha já que ambos estão comprometidos com a revolução proletária. *A única saída racionalizadora seria saber se "taticamente" seria vantajoso apoiar a revolução nacional como um expediente para forçar a burguesia a certas concessões, e um fortalecimento indireto do "Estado de direito".* Ou para "aumentar as contradições"

do desenvolvimento capitalista, abrindo cunha entre o setor progressista e o mais retrógrado da burguesia interna, e entre ambos e o imperialismo.

Essa saída constitui um expediente para as "forças da esquerda" quando deixam de cumprir suas tarefas políticas específicas e, em vez de enfrentarem sua debilidade, buscam no biombo da revolução nacional uma forma equívoca e evasiva de ilusão constitucional. *O que se pôs em prática foi um típico comportamento de cauda da burguesia, porém destituído de lógica política proletária. Se se pusesse, em primeiro plano, a luta pela consolidação do proletariado como e enquanto classe, a área de conflito com a burguesia seria pequena e a força da causa proletária muito maior.* Haveria uma acumulação de forças através do desenvolvimento da classe e, como consequência, a formação concomitante de um espaço histórico que tenderia a crescer através do próprio uso pela manifestação dos conflitos de classe.

Assim, seria possível formular o apoio à burguesia em termos proletários: não dos interesses de facções da burguesia, mas *de defesa combativa do aprofundamento de certos níveis da revolução burguesa.* A reforma agrária, a reforma do sistema de saúde e do sistema de educação, o caráter da revolução nacional e a democratização dos direitos civis e políticos estavam entre tais níveis. A linha tática teria de definir-se mediante exigências socialistas: é muito difícil, para um proletariado em formação, entender alianças táticas se as reivindicações não forem feitas numa linguagem proletária e sem qualquer subterfúgio. Não obstante, o que as classes dominantes deixam crescer como problemas e dilemas sociais e não resolvem pelos dinamismos da ordem, é suscetível de receber uma atenção

combativa das classes trabalhadoras e constituir reivindicações de conteúdo socialista e atendimento imediato.

Essa tática, além de não lançar confusão nos grupos de vanguarda e nas massas populares, favoreceria um isolamento político crescente das facções mais antidemocráticas e reacionárias da burguesia e ajudaria a quebrar o monolitismo das classes dirigentes. O próprio imperialismo teria uma base menor de manobra, pois teria de se defrontar com uma burguesia que levaria em conta a sua relação com parte das classes trabalhadoras. O que exige reflexão são os custos políticos de uma manobra desse gênero. Para que ela pudesse concretizar-se seria necessário investir muito tempo em produção intelectual, em propaganda, em difusão da palavra de ordem e em mobilização de aderentes e simpatizantes. Seria essa uma escolha prudente, não seria melhor investir tanto talento e esforços no aprofundamento em duas frentes da luta de classes? Isso não levaria a ignorar a revolução burguesa e implicaria na análise das debilidades orgânicas e históricas das classes dominantes e do que se ocultava por trás de seu pró-imperialismo crônico.

Tomando-se casos similares de países de origem colonial e de economia capitalista dependente, tal análise mostra o que se exigia das classes possuidoras: que só aprofundem a revolução burguesa em função de seus interesses de classe, do egoísmo e da cegueira que as levou a congelar a descolonização; que mantenham a democracia como fórmula ritual de concentração do poder político estatal nas mãos dos setores dirigentes da burguesia; que procrastinem a revolução nacional; que procurem no imperialismo os recursos e os meios que permitam compensar suas debilidades estruturais e históricas. Se um painel desses se traduzisse em medidas práticas de sentido

proletário, a mobilização não se faria para fomentar *slogans*, mas para levar as pequenas forças organizadas das classes trabalhadoras a uma luta política coerente do pouco que restava à revolução dentro da ordem.

Um partido proletário não pode situar-se diante da revolução nacional como se ela fosse a antecâmara da revolução proletária, como se pudesse passar de uma a outra, e que a consumação da revolução nacional, dentro do capitalismo, seria uma etapa necessária e prévia da revolução proletária. O que fortalece a burguesia e consolida o capitalismo torna mais remota e difícil a revolução proletária. Por essa razão, a revolução dentro da ordem não é um objetivo intrínseco ao movimento proletário. O proletariado não pode pretender desempenhar as tarefas revolucionárias da burguesia e funcionar como fator de compensação histórica. A revolução dentro da ordem é instrumental e conjuntural para o proletariado, ligado à necessidade histórica de proteger e acelerar a constituição da classe como classe em si, capaz de tomar em suas mãos o seu desenvolvimento independente. A partir de certo nível, o proletariado força a mudança de qualidade da "guerra civil oculta", exige que as reivindicações socialistas mudem de teor, pondo em xeque a supremacia burguesa e o poder político da burguesia. A partir daí, o proletariado terá de hostilizar todas as criações do capitalismo; sua relação com a revolução burguesa mudará de qualidade. Passará a importar-se em como passar da "guerra civil oculta" para a "guerra civil aberta", ou seja, a derrubada da ordem e a constituição de uma democracia proletária.

Se a burguesia não dispôs de força econômica ou ânimo político para atingir fins tão centrais, que é levar a revolução nacional até o fim, em termos capitalistas, nem por isso seria

essencial pretender abrir aí uma frente de luta com o imperialismo. Fustigar e desgastar a burguesia para que ela não possa manter-se pró-imperialista seria a maneira inteligente de combater o imperialismo. Seria um modo de roubar-lhe aliados dóceis na periferia e diluir a base social, econômica e política da incorporação dos espaços periféricos a espaços centrais. Essa ação revelaria também se, dentro da burguesia, há aliados autênticos para tal evolução política.

Numa situação em que as "forças da ordem" empunham abertamente a bandeira da contrarrevolução prolongada (nacional e mundialmente), seria curioso situar a revolução nacional como uma "frente de luta comum" entre burgueses e proletários. Está comprovado: as burguesias dos países capitalistas dependentes privilegiam a aceleração do desenvolvimento capitalista; não privilegiam o desenvolvimento capitalista independente. Essa opção histórica traduz uma prioridade estratégica para as burguesias da periferia e do centro. "Aberturas democráticas", "centros nacionais de decisão", "desconcentração da renda" etc. são pura retórica. A realidade está posta na contrarrevolução prolongada, de amplitude mundial. Ela não se casa com os papéis e funções que a revolução nacional teve, nas primeiras versões da revolução burguesa. *Hoje, o desenvolvimento do capitalismo não passa pela revolução nacional, por uma razão simples: onde a revolução nacional constituir uma necessidade histórica, terá de opor-se ao capitalismo. As revoluções nacionais que se atrasaram são revoluções nacionais que não puderam desatar-se e completar-se dentro do capitalismo.* Agora, têm de voltar-se contra ele. Isso define a relação recíproca da burguesia com o proletariado no plano mundial: *a revolução nacional já não é instrumental para o desenvolvimento capitalista (tornou-se dis-*

funcional para ele). *Para que a revolução nacional ganhe viabilidade em muitos países periféricos, é preciso que as revoluções proletárias quebrem as amarras de seu estancamento ou paralisção.* Os partidos proletários que não dispõem de condições históricas para caminhar nessa direção precisam escolher com cuidado os temas de sua luta política atual.

As condições históricas para caminhar nessa direção não são tão simples. No contexto latino-americano, o melhor exemplo é Cuba. Para que o nacionalismo possa assumir a forma revolucionária e libertária é preciso: *a) que a descolonização não tenha desaparecido na memória viva das classes; b) que nas classes destituídas e oprimidas exista uma forte propensão coletiva de buscar, pela revolução nacional, a instauração da democracia, a redenção dos humildes e o desenvolvimento equilibrado e independente.* A derrota do centro imperial opressor constitui um objetivo central, mas externo. O essencial é liberar a nação e eliminar todas as sequelas da sociedade colonial que foram reconstituídas e fortalecidas sob a "sociedade nacional", pelo capitalismo neocolonial. O programa do Movimento 26 de Julho respondia a essa lógica política revolucionária, sem vassalagem a padrões burgueses europeus obsoletos. No poder, *os guerrilheiros congrearam todas as classes à concretização desse nacionalismo revolucionário e libertário.*

A burguesia imperialista dos EUA repudiou; a burguesia nacional cindiu-se e o grosso sabotou e combateu como pôde o governo revolucionário, até ser expulsa da coligação governamental e converter-se em vítima necessária. Os proletários das cidades e do campo apoiaram, em massa e entusiasticamente, a revolução *desde el poder*, servindo de pão à rápida sucessão do estágio capitalista ao estágio socialista do governo revolucionário.

rio. *É um exemplo de uma situação revolucionária que gera uma revolução. O importante é que ela atingiu o seu primeiro apogeu sob palavras de ordem revolucionárias que serviam à burguesia e aos proletários e no âmbito de uma transformação revolucionária que se fundava na nação e não na classe. A classe se mobilizou e se dinamizou revolucionariamente graças à comoção provocada pela guerrilha, às vitórias sucessivas dos guerrilheiros e à conquista do poder pelos revolucionários.*

Quantos países da América Latina contariam com uma situação revolucionária análoga? Em quantos surgiria um grupo de revolucionários com o mesmo talento político, a mesma ousadia e a mesma prudência? Em quantos seria possível casar a situação revolucionária com a revolução nas condições atuais? Este questionamento não visa afirmar que "Cuba não se repetirá". A resposta é parte do temor dos Estados Unidos e de burguesias nacionais reacionárias diante de um processo que terá de repetir-se, embora sem seguir obrigatoriamente "a via cubana". É isso que tem de ser enfrentado e resolvido pelos que pensam com a lógica da revolução. O próprio êxito da Revolução Cubana impõe que seja redefinido o caminho da revolução proletária. A contrainsurgência está organizada, a partir dos EUA, para impedir que a revolução se reproduza da forma como ocorreu em Cuba. As burguesias nacionais latino-americanas prepararam-se para enfrentar militar e politicamente a repetição de tal eventualidade.

Da década de 1950 a 1980, o proletariado cresceu quantitativa e organizativamente em muitos países e seus aliados naturais, os camponeses, saíram ou estão saindo da "apatia condicionada", imposta de cima para baixo pelas classes dominantes. Não existem situações revolucionárias a não ser em alguns

países. Nesses, *é duvidoso que delas resultem revoluções com êxito se os partidos proletários não se dedicarem à preparação do proletariado para passar da era das contrarrevoluções encadeadas para uma era de luta de classes aberta, organizada e firme*. Chegou o momento de dizer adeus a pseudopalavras de ordem revolucionárias. *É preciso escolher entre a social-democratização da esquerda e a paciente e laboriosa construção das vias históricas da revolução proletária na América Latina*. Os que pensam que isso é impossível esquecem que *as contrarrevoluções fermentam ódios coletivos e armazenam as energias revolucionárias das classes trabalhadoras e das massas populares*. Foi assim na Rússia, China, Cuba. Nosso caminho pode ser mais difícil, mas não é inviável.

A ideia de que os conflitos deixaram de possuir uma base de classe fermentativa e revolucionária não deve levar ao desespero. A negação da ordem é uma função intrínseca à existência do trabalho livre e à reprodução do capital. *Os que vendem o trabalho terão, mais cedo ou mais tarde, que se organizar para travar a última luta contra a propriedade privada e a apropriação capitalista*. A menos que as classes possuidoras e dominantes se lancem à destruição do capitalismo, *os conflitos de classe não poderão desaparecer. Eles poderão ser contidos e reprimidos, de forma prolongada. É isso que a contrarrevolução defensiva está realizando, em escala mundial*. Mas, *a civilização industrial se destruirá a si própria se o estágio da propriedade privada e da expropriação capitalista do trabalho não for ultrapassado*, preservando-se os avanços que ela logrou obter na esfera da ciência e da tecnologia.

Os que vendem o trabalho e são expropriados é que podem impedir essa estagnação que seria involutiva ou regressiva. O

capitalismo monopolista e imperialista dispõe de recursos inesgotáveis para levar adiante a opressão e a repressão, realizando a defesa violenta do status quo dentro de limites ainda desconhecidos. Ele não pode impedir para sempre a rebelião interior que terá de crescer como a semente sob a neve. Também não poderá obstar, indefinidamente, o refluxo histórico quando a implantação do comunismo quebrar a geleira forjada pela miopia *democrática*, a força inexorável dos grandes processos históricos. Mesmo nos momentos de maior desânimo e incerteza, cabe aos socialistas e aos comunistas trabalhar, mesmo na maior incompreensão e clandestinidade, a favor do curso da história e do advento de um novo padrão de civilização. Se a rota certa estivesse fechada para sempre, o mundo capitalista não se mobilizaria com tal furor para conjurar as revoluções proletárias. A contrarrevolução capitalista prolongada demonstra que o Manifesto ainda está em dia com as correntes históricas, embora fosse preferível dizer, atualmente: PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, O MUNDO VOS PERTENCE. IDE À REVOLUÇÃO MUNDIAL!

6. Como “lutar pela revolução proletária” no Brasil?

O Brasil contou com várias situações revolucionárias. Todas foram resolvidas dentro dos quadros da ordem e com a vitória das forças sociais conservadoras que sabem avançar nos momentos de maior risco. Em seguida, travam o processo de fermentação social e converter a transformação revolucionária em uma composição política. Esse padrão histórico de controle calculado da mudança social revolucionária não é fortuito nem um traço de inteligência das elites: é um produto do conge-

lamento do processo de descolonização no qual a imensa parte do país ficou excluída, permanentemente, das formas sociais organizadas e institucionalizadas dos direitos civis e políticos.

A proletarização, vinculada à lenta generalização do *trabalho livre*, foi condenada a ter repercussões maiores apenas em âmbito local ou regional, cabendo a algumas cidades de grande porte a função de servir como amaciadores e câmaras de compensação. *Isso conteve os conflitos de classes dentro de seus muros e segregou o proletariado em formação e expansão física do resto da "população pobre".* Ficou fácil concentrar socialmente o poder de controle político, jurídico e policial-militar sobre a sociedade, e afunilar os ganhos produzidos pelos surtos sucessivos do desenvolvimento capitalista. *A composição das classes possuidoras e dominantes alterou-se, mantendo-se a mentalidade de elite dirigente organicamente senhorial e colonial.* O Estado de direito tornava-se uma presa fácil de setores dirigentes das classes dominantes, empenhados em "impedir a anarquia da sociedade", em tratar os problemas sociais "como casos de polícia" e em refazer as técnicas pelas quais a apatia provocada e o "fatalismo" conformista podiam ser produzidos conforme as exigências da situação.

No passado, a norma era: *escravo é o inimigo público da ordem.* Hoje, a norma tornou-se: o camponês e o operário são o inimigo público da ordem. *Portanto, uma forma ultraviolenta de despotismo superpôs-se à constituição do regime de classes e preservou um padrão neocolonial de sociedade civil, pelo qual a democracia é uma necessidade e regalia dos que são gente.* Quando veio a chance de enterrar essa herança senhorial, os estratos civis e militares dirigentes das classes dominantes recorreram a uma contrarrevolução prolongada, reconstruindo

pela força bruta o mundo de seus sonhos. Esse era o mundo dos sonhos das "nações capitalistas amigas", numa fase em que o capitalismo financeiro leva suas formas de produção, de mercado e de consumo para as "nações estratégicas" da periferia.

Nos últimos vinte e cinco anos, houve ampla transferência de capitais, tecnologia avançada e quadros empresariais técnicos e dirigentes e a economia e a sociedade brasileiras foram multinacionalizadas, com a cooperação organizada entre capitalistas, militares e burocratas brasileiros com a burguesia mundial e seus centros de poder. *O Estado burguês converteu-se na ditadura civil-militar e promoveu a centralização de poder garantiria a base econômica, a estabilidade política e a segurança dos investimentos, na escala requerida pelo imenso "negócio da China"* em que se tornou a internacionalização dos recursos materiais e humanos do Brasil.

O que interessa ressaltar nesse quadro global é: a) *a relação siamesa entre burguesia nacional e burguesia externa*. Elas não são mais divididas e opostas quando o capitalismo atinge o seu apogeu imperialista e a divisão mundial do trabalho deixa de operar como um fator de especialização econômica; b) *a universalidade de processos de autodefesa agressiva do capitalismo* que vai do centro para a periferia e exacerba-se nesta, onde o regime de classes não pode funcionar para preservar certos fluxos democráticos da República burguesa; c) *a drenagem de recursos materiais e de riqueza da periferia por meio de mecanismos mais complexos*, implantados nas estruturas mais dinâmicas e produtivas das economias periféricas estratégicas, e a institucionalização de uma taxa de exploração da mais-valia muito mais alta, criando para o proletariado um dilema econômico; d) *um agravamento súbito e persistente de*

tendências crônicas do desenvolvimento desigual e combinado; a modernização e a industrialização são “internacionalizadas”, o que faz com que o impacto sobre o crescimento do mercado interno, a ampliação da oferta de trabalho e o aprofundamento da revolução burguesa seja amortecido, conferindo à situação de dependência em uma relação neocolonial; e) *graças à diferenciação do sistema de produção, à industrialização maciça e ao crescimento das forças produtivas, o regime de classes passa por três transformações concomitantes*. Primeiro, aumenta em números e em diferenciação mais pronunciada das classes; depois, entra na fase na qual os proletários se constituem como classe em si e começam a lutar por seu desenvolvimento independente como classe; em terceiro, deixa de operar como parte do universo urbano-industrial, atingindo com fluidez os que estão proletarizados e os que aguardam a proletarização. Isso representa o início da quebra do isolamento entre os operários e o resto da população pobre, e maior fluidez, em escala nacional, dos conflitos de classe movidos pelo proletariado.

Esse quadro global ressalta que *a vitalização da revolução burguesa em atraso trouxe muitas vantagens econômicas para a burguesia interna e acarretou um aumento de sua força como classe*. Ela pode dispor de um sistema de produção mais avançado e conta com um potencial de defesa e agressão que precisa ser medido na órbita imperial. Os proletários e a massa da população pobre também tiveram algumas vantagens relativas. As mais importantes relacionam-se com a diferenciação do regime de classes, com o aparecimento de uma vanguarda operária e sindical mais organizada e mais disposta a dinamizar a luta de classes em termos proletários e à incapacidade das classes dominantes internas e externas de ultrapassar a

crise do poder burguês. As classes burguesas lutam para remover a exacerbação ditatorial da situação contrarrevolucionária. O mais que conseguem é disfarçar o complexo institucional introduzido na República burguesa pela ditadura de classe e tentar diluí-lo em um sistema "constitucional" e "representativo" adaptado à defesa do Estado, pronto para conter e reprimir *os de baixo*. Isso significa que a crise do poder burguês está presente e oscilante. *As classes burguesas não podem fixar livremente suas vantagens econômicas, não podem estabelecer os limites sociais e políticos ou graduar os ritmos da revolução nacional e da revolução democrática.* Estas oscilaram para baixo e, se não estão sob controle dos proletários e da população pobre, não podem ser determinadas independentemente do que estes setores da sociedade estejam maldispostos a tolerar. *A ditadura gerada pela crise do poder burguês não pôde sanar seus males de origem e criou algo extraordinário: uma situação histórica que possui uma vertente contrarrevolucionária e outra revolucionária.*

As forças burguesas oscilaram para a primeira vertente e não lograram quebrar o impasse do poder burguês. Contudo, não se arriscam a fazer uma marcha a ré, por temerem os riscos inerentes a tal recomposição e por conhecerem que são débeis demais para desencadear as transformações sociais e políticas da revolução burguesa que foram sufocadas ou restringidas. As forças proletárias não dispõem de meios para soltar as amarras da vertente revolucionária e os grupos organizados que lutam a seu lado temem, por interesses de classe ou inibição política, ir além do aprofundamento da revolução burguesa. Por isso, se batem menos contra a ditadura que pela volta ao Estado de direito que traga uma Assembleia Constituinte. Para uns, isso

traria a revolução nacional e a democrática de volta à cena histórica e para outros seria o embrião da presença crescente *dos de baixo* no controle popular do Estado burguês, abrindo perspectivas para um socialismo a partir do poder.

Nos dois extremos, prevalece uma interpretação cataclísmica diante dessa situação histórica. A "direita" se imobiliza porque não confia na massa do povo e se predispõe a defender soluções rígidas que levariam a contrarrevolução ao fascismo. A "esquerda" não avança na defesa ativa das próprias posições porque dá ao advento do fascismo o caráter de fato inexorável. Teme "provocar o leão com vara curta" e prefere colaborar com certos setores da burguesia em plena ditadura, sustentada no poder civil e militar e no que estas podem fazer para bloquear o desgaste de uma situação contrarrevolucionária que criaram com as próprias mãos.

Passar de uma contrarrevolução em desgaste e de uma ditadura questionada para o fascismo seria não uma prova de desespero, mas uma prova de força. De onde tirar a base econômica e social de poder real para realizar tal proeza? Possui a articulação de forças capitalistas que ainda sustentam a República burguesa autocrática, necessidade ou interesse em aumentar a pressão da caldeira? Ou possuem os setores decisivos da burguesia financeira e tecnocrática, cujo peso está nas grandes empresas e empresas "multinacionais", alguma vantagem em lançar-se em tal aventura para tolher uma recomposição do poder burguês? O risco que as esquerdas enfrentam não é o de um fascismo iminente, é o de uma saída pelo centro das forças sociais da burguesia. A revolução burguesa foi aprofundada na esfera econômica. Agora, terá de ser aprofundada nas esferas social, cultural e política, queiram ou não as elites

dirigentes das classes dominantes e os segmentos capitalistas, nacionais e estrangeiros. O que as classes dominantes podem fazer é ganhar tempo, reduzir os ritmos e a intensidade da transformação da ordem social competitiva. Devem começar a aprendizagem sobre o sentido de palavras e de práticas como "consentimento", "anuência", "tolerância", "liberdade", "cooperação", consensos etc.; sabotar ou travar mudanças revolucionárias dentro da ordem que elas combateram com tenacidade. *É esta perspectiva política que deve preocupar os que atacam o capitalismo e não as burguesias, os que não querem só o "aperfeiçoamento da ordem", mas a destruição da ordem existente.* Os socialistas revolucionários e os comunistas têm de realizar uma gravitação que os coloque adiante das transformações histórico-sociais em processo e da relação que as forças burguesas mais avançadas procurarão desenvolver com a sociedade global. Só assim poderão evitar o "jogo do adversário" e agir com uma racionalidade revolucionária proletária. Até há pouco tempo, partidos que se tinham como socialistas revolucionários e comunistas podiam imaginar-se como uma vanguarda proletária. O proletariado incipiente não possuía uma autêntica vanguarda de classe e a existência de palavras de ordem "revolucionárias", de teor inconformista, reformista ou socialista, dependia da simulação de uma vanguarda política atuante. Nos últimos trinta anos (com a industrialização maciça, com tecnologia avançada e intensiva no uso do capital), a formação da classe se adiantou muito. *Os que defendem posições típicas do socialismo revolucionário e do comunismo precisam colocar-se na situação de classe dos proletários e caminhar por dentro da classe para fazer parte de sua vanguarda.* Trata-se de uma proletarização de partidos; antes só podiam

ser operários de nome embora fossem revolucionários, por defenderem e propagarem doutrinas revolucionárias e correrem todos os riscos que isso acarretava.

A primeira consequência dessa transformação que os socialistas revolucionários e os comunistas não podem ignorar aparece no emprego correto da ótica do socialismo revolucionário e do comunismo. A lua de mel com a burguesia, com o nacionalismo burguês, com o radicalismo burguês está acabada! Não se trata de sair dando coices, de ficar na ilusão ingênua do “quanto pior melhor”. Mas de estabelecer, como parte da vanguarda da classe operária, como esta deve manejar a luta de classes com objetivos políticos bem marcados, de curto, médio e longo prazo. *Ao impedir que os antagonismos existentes só produzam dividendos políticos para as classes dominantes, os socialistas revolucionários e comunistas estarão cumprindo tarefas revolucionárias essenciais.* Colocarão sua experiência e sua visão dos processos a serviço dos proletários, favorecendo sua socialização política revolucionária no dia a dia da luta de classes, a constituição de quadros treinados e o crescimento seletivo da própria vanguarda da classe. *Estarão convertendo os seus partidos em partidos proletários por sua composição, por sua orientação e por sua prática cotidiana.* Ao mesmo tempo, procurarão reeducar-se e ressocializar-se: seria funesto que não ocorresse uma proletarianização da consciência social dos revolucionários militantes e dos partidos revolucionários. Mesmo que o revolucionário possua origem operária e experiência proletária prévia, precisa ser moldado pela classe, não a classe por ele! Caso contrário, o proletariado caminhará numa direção e o que deveria ser o partido da revolução proletária, caminhará em outra, cavando-se um fosso entre ambos. Além disso, o partido proletário não poderá colo-

car-se momentaneamente contra a classe, se as circunstâncias o exigirem, sem perder sua confiança e sem comprometer sua base social de poder real que lhe permite agir tática e estrategicamente como a vanguarda política, da vanguarda da classe na luta pela revolução.

Seria preciso levar em conta "os caminhos da revolução proletária". Todas as revoluções proletárias deste século, com a exceção da revolução cubana, tiveram um período de incubação de vinte a trinta anos e foram favorecidas por condições de âmbito mundial do capitalismo. Seria uma típica manifestação de extremismo infantil pretender aproveitar *o nem uma coisa nem outra* da situação histórica para precipitar a vertente revolucionária sem qualquer consolidação prévia das posições revolucionárias do proletariado. Se um acontecimento imprevisível desencadeasse uma vertente revolucionária, os partidos revolucionários devem aproveitá-la, indo, na medida do possível, à luta pelo poder. Apesar da crise atual, isso não se configurou como uma possibilidade à vista. O que resta é encarar a rota mais difícil, em função das responsabilidades que um partido revolucionário do proletariado deve enfrentar nas condições presentes. Esse partido terá de delimitar suas atividades concretas tendo em vista a natureza e o volume das tarefas políticas que o proletariado poderá desempenhar, em curto e médio prazo, em seus confrontos políticos com as classes dominantes. Por princípio, *sua estratégia será a de converter a "guerra civil oculta" em "guerra civil aberta", tão depressa quanto isso for possível.* Na prática, porém, deve *combinar várias táticas de luta que unam entre si as reivindicações concretas e pequenos combates com o fortalecimento de uma consciência de classe revolucionária e uma disposição de luta inabalável.*

Um proletariado de formação recente e heterogênea já ganha grande vitória quando defende a solidariedade proletária acima de qualquer outra coisa. Algo mais difícil é formar uma consciência proletária revolucionária e a firme disposição de luta, mantê-las acesa sob o sutil cerco capitalista e impedir que elas se deterioreem nos embates imediatistas. O partido revolucionário terá de desempenhar essa função criadora ligando a estratégia global do movimento proletário com táticas vinculadas ao emprego, situação de trabalho, comitês de fábrica, proliferação de conselhos operários e populares, reuniões nos sindicatos e nas comunidades, agitação em meios não proletários.

O espírito revolucionário e o objetivo revolucionário precedem o aparecimento da situação revolucionária e são eles que decidem se o "elemento subjetivo" estará presente quando surgir a oportunidade. A relação de forças é decisiva, mas a oportunidade pode ser perdida se a classe e o partido não estiverem prontos para agarrar a oportunidade. A impaciência dos revolucionários ou da vanguarda de classe proletária pode preparar-se para a revolução, mas não podem forjar ao bel-prazer a situação histórica revolucionária. Esta transcende a vontade dos agentes e depende de uma evolução extremamente complexa, *não se faz revolução por encomenda.* A evolução da revolução proletária no Brasil, parece subordinar-se a fatores que não permitem vaticinar um caminho nem fácil nem rápido para a revolução. Em vista das condições continentais do Brasil, do modo que se manifesta o desenvolvimento desigual e combinado, do tamanho da população, da diferenciação regional da economia e o regime de classes, das circularidades da revolução burguesa e seu forte resíduo reacionário, da "guerra fria" dos países capitalistas e de sua superpotência, de nação

periférica tão estratégica, da necessidade de passar para um alto potencial político de mobilização da luta de classes pelos proletários e aliados, da necessidade de aperfeiçoar os principais meios de luta organizada do proletariado – sindicatos e partidos – e de infundir-lhes capacidade de atuação conjunta e de irredutibilidade revolucionária, de produzir conhecimentos teóricos sobre as vias concretas da revolução proletária no Brasil e a alteração das relações de forças internas e externas, da descoberta das técnicas revolucionárias para acelerar a evolução da situação histórica revolucionária etc., a previsão mais otimista terá de pensar em duas décadas. Se as forças da esquerda deixarem de digladiar-se e tomar uma atitude madura quanto a quem é o *inimigo principal* a quem devem combater, em primeiro lugar.

Portanto, um partido empenhado em programar suas atividades como um meio de luta do proletariado, deve preparar-se para uma fase longa de “guerra civil oculta” que será um tempo para realizar sua aprendizagem, acumular forças e ganhar base social, produzir conhecimentos teóricos de agitação, propaganda e de luta (inclusive armada), para estar pronto e com probabilidades de aproveitar a situação revolucionária, se aparecer, ou de ajudar a criá-la, a partir de uma fase mais avançada da “guerra civil oculta”, se a história exigir empurrões decisivos e o proletariado, um parteiro. Tal cálculo político é feito com base na “experiência anterior”, levando em conta evoluções transcorridas e na dinâmica da sociedade de classes, na América Latina. É impossível antecipar qual vai ser o poder de desagregação dos países em transição para o socialismo depois que encontrarem as bases para uma coexistência internacional homogênea e cooperativa – e depois que atravessarem a fase *dura da transição*

que assustou os setores não revolucionários do proletariado, no Ocidente, e as classes médias, em particular. Hoje, o "cerco capitalista" tem força relativa suficiente para desgastar os regimes socialistas em formação e em expansão, para criar tensões entre esses regimes e, inclusive, para deformar o desenvolvimento socialista, aumentando desproporcionalmente os investimentos não produtivos e diminuindo sensivelmente os ritmos da construção do socialismo. É provável que, a médio prazo, essa relação será invertida a favor dos regimes socialistas. O desgaste caminhará, então, no sentido inverso. Pode-se pensar que à atual rigidez autodefensiva do capitalismo se seguirá uma curta fase de exacerbação da contrarrevolução e, por falta de base social para converter a defesa em ataque e em capacidade de autosustentação, a pulverização.

O modo pelo qual os Estados Unidos reagiram à derrota no Vietnã fornece pistas psicossociais e políticas conclusivas. O desmoroamento, lento no início e rápido depois, será inevitável. Se esse for o caso, a revolução proletária se beneficiará de fatores externos das correntes da história mundial do presente. Contudo, é preciso responder às exigências da situação histórica atual, fornecer ao proletariado, no momento em que ergue coletivamente a sua cabeça, novas possibilidades de travar suas pequenas e grandes batalhas. Por isso, deve-se seguir a rota batida, ainda que as esperanças possam ser maiores que as nossas realidades. *Um partido desse porte terá de perder a obsessão pela legalidade. O essencial não é a legalidade, mas o produto da atividade de tal partido na realização das tarefas revolucionárias do proletariado.* Ele *deve bater-se pela legalidade, mas essa nunca poderia nem deveria ser sua preocupação primordial e principal.* Os seus quadros terão de entender que

a opção pelo partido constitui uma ruptura com a ordem. Esta não deve consumir-se só com a vitória da revolução, mas muito antes: *todo militante tem de saber que, ao inscrever-se em um partido desses, rompe praticamente com a ordem e perde todas as suas garantias ou compensações.*

Isso não quer dizer que se deva forjar um clima de pré-revolução neurótico. Ao contrário, devem estar prontos para defender o direito à revolução, usado pela burguesia e, mais tarde, proscrito por ela. A imposição da "ilegalidade" às atividades revolucionárias e de subversão violenta da ordem foi um dos primeiros atos do terrorismo burguês na Europa. Essa forma de opressão precisa ser combatida, porém, não à custa das próprias tarefas históricas e políticas de um partido proletário que se pretenda revolucionário. Ele *deve estar permanentemente preparado para realizar aquelas tarefas em duas frentes simultâneas: a legal, se existir, e a "ilegal", se não houver outro remédio.* O dilema desta situação está em duas tendências que ela engendra: a) a "concessão da legalidade" constitui uma autorização para funcionar nos limites da ordem e para ser punido nas "transgressões". Ela *implica numa tendência à domesticação política e à social-democratização que deve ser repelida ou o partido só será revolucionário na intenção e de nome;* b) redução drástica do espaço político para a ação revolucionária. Essa tendência vai tão longe que até a educação das bases e quadros no conhecimento da teoria socialista revolucionária, do comunismo, é negligenciada ou largada pelo partido. Essa tendência tem de ser combatida com persistência e cuidado, ao mesmo tempo que se deve procurar as formas viáveis de compensação clandestina dessa desvantagem.

O que se descreve é o grande partido revolucionário de massas, uma “repetição” e um “sonho”. *Ora, o grande partido também é o pequeno partido dos revolucionários “profissionais”.* Nunca é tão grande quanto ao número de militantes, uma proporção pequena da vanguarda operária. Sua irradiação e seu potencial de luta política são de massas. Porém, *o seu núcleo organizado tem de ser o de um partido que possa desenvolver simultaneamente tarefas políticas revolucionárias de curto, médio e longo prazo, dentro da ordem e contra ela, e que precisa prever o desdobramento da luta política “por outros meios”.* Estar preparado para passar da “guerra civil oculta” para a “guerra civil aberta” é algo que exige mais que verborragia revolucionária e obreirismo compensatório! Se for preciso “repetir” os exemplos do que ocorreu na Rússia ou na China (Vietnã está fora?), paciência! Deve-se, apenas, fazer o possível para “repetir” com igual valor. Não há outra saída no Brasil, dadas as proporções da nação e das tarefas políticas a serem executadas.

Quanto ao “sonho”, se deve dizer é que sem sonhos políticos realistas não existem nem pensamento revolucionário nem ação revolucionária. Os que “não sonham” estão engajados na defesa passiva da ordem capitalista ou na contrarrevolução prolongada. *A dimensão utópica do socialismo revolucionário e do comunismo suplanta todos os sonhos e fantasias* que se possa ter, dormindo ou acordado. Um partido que não souber converter em realidade essa dimensão utópica jamais poderá propor-se à condição de vanguarda política do proletariado e de meio válido da revolução proletária. Por que pensar em um caminho tão difícil e prolongado quando se tem uma burguesia débil, “lumpemproletária”? Não seria exagero erguer contra ela um partido revolucionário preparado para os mais duros

combates? Isto não é questão de opinião, é uma questão de fato. Em países mais desenvolvidos da América Latina, essa burguesia mostrou-se capaz de praticar bem sua autodefesa e de procurar uma sólida proteção no imperialismo. Uma classe dominante, com posições de interesse internacionalizadas, não pode ser medida nacionalmente, mas na escala mundial para a qual ela avançou historicamente através da incorporação e da contrarrevolução prolongada. Portanto, deve-se levar em conta *a via cubana*, *a via chilena* e *a via nicaraguense*, pois através delas pode-se aprender muitas coisas. Inclusive porque um país das proporções, desenvolvimento relativo e com uma burguesia tão hábil em defender seu monopólio do poder, como o Brasil, necessita de um partido proletário de porte para ir à revolução anticapitalista e anti-imperialista.

O mais importante, *na via cubana* não está na guerrilha, mas no modo pelo qual os guerrilheiros conquistaram o apoio dos camponeses e proletários agrícolas para a revolução. Um partido revolucionário de grande porte terá de chegar ao Exército do Povo e à guerrilha, quando a guerra civil se tornar uma guerra civil a quente, de escala nacional. Dar prioridade à guerrilha seria infantil – as revoluções proletárias não se repetem enquanto história, mas em suas estruturas, no que possuem em comum, graças à luta de classes. Ignorou-se esse lado, porque não se pensou a sério na revolução. *A conquista e o apoio dos camponeses e semicamponeses, espalhados por todo o país, é crucial. Sem eles, uma revolução proletária não teria viabilidade* porque as forças nacionais e externas da contrarrevolução fragmentariam o país e isolariam os focos revolucionários vitoriosos, não dando tempo para que a revolução chegasse à conquista do poder e ao escalonamento das batalhas decisivas.

Quanto à *via chilena*, é preciso reconhecer que ela não era má em si mesma. Ela foi prematura. Ela exigia um avanço e um peso maior dos regimes socialistas no equilíbrio mundial do poder. Só isto poderia impedir que os capitalistas não ousassem e, se ousassem, ousariam para serem batidos militar e politicamente. Como essa condição histórica não se realizava, a burguesia nacional e as nações capitalistas centrais, com a superpotência à frente, aproveitaram os erros cometidos como se apenas colhessem frutos maduros. A *via nicaraguense*, por sua vez, comprovou a sua eficácia. Mas, ela cai na categoria da experiência anterior, só que sem possuir as vantagens que favoreceram os guerrilheiros cubanos. A sua importância está na demonstração de que hoje há um espaço comum a ser explorado por todas as forças sociais que combatem as iniquidades das ditaduras de classe e do imperialismo na América Latina. E que esse espaço conduz a uma redefinição histórica da relação da burguesia radicalizada e da esquerda unificada com a transformação da ordem. Não é axiomático que se possa montar no Brasil tal saída, e que ela seria o ponto de referência obrigatório do pensamento revolucionário. Ao revés, o que a experiência da Nicarágua prova é que *a ausência de um partido revolucionário proletário, solidamente apoiado nas massas, constitui uma vantagem para os setores revolucionários que se limitam a defender a reforma do capitalismo* e gera um tempo de espera que é favorável às manobras diretas e indiretas do imperialismo, quando ele se manifesta dentro da área com ânimo colonial, como fazem os Estados Unidos.

Ainda aqui, evidencia-se o drama latino-americano crônico: *as situações revolucionárias configuram-se sem que existam forças organizadas para conduzir à revolução*. A única

exceção é a de Cuba. Para impedir essa cronicidade, tão vantajosa à contrarrevolução capitalista, devemos lutar para que o proletariado tenha as mesmas possibilidades de aproveitar as oportunidades históricas que a burguesia. Por essa razão, cumpre estudar essas revoluções, vitoriosas ou frustradas, mas para aprender e ir além. Mas, não para manter o pensamento e a ação revolucionária dentro de círculos que não se abrem para o nosso futuro, pois dizem respeito a uma órbita histórica que não coincide com a órbita histórica do desenvolvimento do capitalismo dependente, do regime de classes e do Estado burguês no Brasil.







Lira Itabirana

O Rio?
É doce.
A Vale?
Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

Carlos Drummond de Andrade

Privatizado

Privatizaram sua vida, seu
trabalho, sua hora de amar
e seu direito de pensar.
É da empresa privada o
seu passo em frente,
seu pão e seu salário.
E agora não contente
querem privatizar
o conhecimento, a
sabedoria, o pensamento,
que só à humanidade
pertence.

Bertold Brecht





A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER OS PROBLEMAS DO POVO

MAO TSÉ-TUNG (1930-1949)

Prefácio ao inquérito no campo

Atualmente, a política do Partido no campo já não é a política da revolução agrária que praticou durante os dez anos de guerra civil; agora é a política da frente de unidade nacional antijaponesa. O Partido inteiro deve executar as diretivas do Comitê Central de 7 de julho e 25 de dezembro de 1940, assim como as que dará o VII Congresso Nacional do Partido a se realizar em breve. O presente material tem a finalidade de ajudar os nossos camaradas a *encontrar os métodos de estudo dos problemas* que se lhes colocam.

Um grande número de camaradas, na hora atual, dedica-se ainda a um estilo de trabalho errado: abordam os problemas de uma maneira superficial, recusando-se a aprofundá-los; acontece mesmo, às vezes *ignoram* completamente *o que se passa na base* e, contudo, ocupam postos dirigentes. Aí está um perigo muito grave. *Sem um conhecimento* verdadeiramente concreto da situação real de todas as classes da sociedade chinesa não pode realmente haver boa direção.

Para conhecer uma situação, *o único método consiste em fazer um inquérito sobre a sociedade* e sobre a própria vida das diferentes classes da sociedade. Para os que ocupam postos dirigentes, o método fundamental que permite conhecer esta situação consiste em escolher, de acordo com um plano, um certo número de cidades e aldeias e, depois, obedecendo à concepção marxista fundamental —isto é, recorrendo à análise de classe —, efetuar uma série de inquéritos minuciosos. Somente assim po-

demos adquirir os conhecimentos de base sobre os problemas da sociedade chinesa.

Para isso, é preciso, *em primeiro lugar, olhar para baixo* e não planar sobre as nuvens. Todo aquele que não tiver nem o desejo nem a vontade de olhar para baixo nunca poderá compreender qual é a verdadeira situação na China.

Em segundo lugar, é preciso organizar reuniões-inquérito. Observações superficiais e do tipo “comenta-se” nunca permitirão adquirir um pleno conhecimento dos fatos. O método das reuniões-inquérito é o mais simples e o mais facilmente realizável e, além disso, o que proporciona informações mais verdadeiras e seguras. Esse método foi-me extremamente proveitoso. *É uma escola* com a qual nenhuma universidade poderia rivalizar. É bom convidar para estas reuniões quadros experientes dos escalões médios e inferiores, ou simples pessoas que pertençam à população local.

No decurso do inquérito em cinco distritos de Hunan e em dois distritos da região de Tshingkanhchan, convidei quadros responsáveis dos escalões médios desses distritos; para me ajudar no inquérito no distrito de Siunwou, assim como um bacharel pobre, convidei um antigo presidente da Câmara de Comércio, que tinha aberto falência, e um pequeno funcionário desempregado, que em tempos dirigiu, na administração do distrito, o serviço de impostos.

Todos me ensinaram muitas coisas que, até então, não tinha tido ocasião de ouvir. A pessoa que, pela primeira vez, me permitiu ter uma ideia completa sobre o estado lamentável das

prisões chinesas foi um vigilante da prisão distrital que encontrei quando do inquérito no distrito de Henchan, província de Hunan. No decurso do inquérito no distrito de Hsingkou e nos dois cantões de Tchang-Kang e Tsaihs, dirigi-me a camaradas que trabalhavam na escola do município e também a simples camponeses.

Todas essas pessoas – os quadros, os camponeses, o bacharel, o vigilante de prisão, o comerciante e o funcionário do serviço de impostos – foram para mim venerandos professores. Considerei-me aluno deles e, ao partir, testemunhei-lhes respeito, manifestei-lhes a minha aplicação e tratei-os como camaradas. Doutro modo, eles não teriam perdido tempo comigo e não teriam contado o que sabiam ou, pelo menos, não tudo.

É inútil convidar muita gente para essas reuniões: basta convidar uns cinco, no máximo sete ou oito pessoas. Para cada uma dessas reuniões, é preciso reservar todo o tempo necessário, preparar o questionário, anotarmos nós mesmos as respostas, ampliar o exame dos problemas com os interlocutores.

Por consequência, se não se está *decidido a olhar para baixo*, se não se tem *sede de conhecimentos*, se não se tem um *desejo profundo de pôr de lado toda a arrogância e tornar-se um modesto aluno*, não se poderá efetuar este trabalho em sua plenitude, ou ele será mal feito. É preciso compreender que *os verdadeiros heróis são as massas*: quanto a nós, somos muitas vezes de uma ignorância risível. Se não se compreende isso, não se poderá sequer adquirir um mínimo de conhecimentos.

Repito que o objetivo principalmente visado com a publicação destes documentos de referência é *o de mostrar qual o método a se utilizar para compreender a situação na base, e não*

o de fazer entrar na cabeça de camaradas estes documentos em si, com as conclusões que daí foram tiradas.

De uma maneira geral, a burguesia chinesa, não chegada à maturidade, não pôde, até aqui, e nunca poderá fornecer um mínimo de informações sobre as condições da sociedade, como fizeram as burguesias da Europa, da América ou do Japão. É por isso que precisamos recolher nós próprios estes materiais. Isso se refere, em particular, aos que estão empenhados num trabalho prático e que devem estar sempre a par das flutuações da situação; neste ponto, não podem os comunistas de país algum contar com qualquer coisa já preparada. É por isso que todos *os que estão comprometidos com um trabalho prático devem estudar a situação na base.*

Em relação aos que não estão familiarizados senão com a teoria e que ignoram a situação real, a prossecução de tais inquéritos é ainda mais necessária, pois de outro modo não poderão ligar e teoria à prática. *"Quem não fez inquérito algum não tem direito de falar"*. Embora alguns tenham troçado desta frase, na qual eles viam a manifestação de um "empirismo estreito", continuo a não me arrepender deste propósito: não só não me arrependo como estou firmemente convencido de que, *uma vez que não se inquiriu, não se pode pretender ter o direito de exprimir opiniões.*

Há muitos que, mal "põem o pé em terra", começam a discorrer, a proclamar a sua opinião, a criticar e a condenar tudo: na prática, todas essas pessoas, sem exceção, estão voltadas ao fracasso, porque os seus discursos, as suas críticas, não são fundadas num inquérito minucioso e não são outra coisa *senão palavreado de ignorantes.* O mal causado ao Partido por esses "enviados imperiais" é incalculável.

É certo que *a prática se torna cega se a sua via não está iluminada pela teoria revolucionária*. Ninguém pode ser taxado de “empirista estreito”, exceto os práticos, cegos ou de vistas curtas, que não veem em perspectivas. Agora, também, sinto a necessidade extrema de estudar em detalhe a situação da China e dos outros países; isto se deve ao fato de que meus conhecimentos neste domínio ainda não são suficientes e não posso, de maneira alguma, afirmar que conheço tudo, de agora em diante, e que os outros não sabem nada. Com todos os camaradas do partido, *aprender junto das massas e continuar a ser o seu modesto aluno*: eis o meu desejo. (março, 1941).

A pesquisa

Sem pesquisa não há direito à palavra

Para falar de um referido problema, é necessário, antes, fazer uma pesquisa sobre ele. Quem não tiver ideia, não tiver pesquisado sobre a natureza do problema, não pode ter direito à palavra para falar dele. *Quando se ignora a fundo um problema*, por não se haver pesquisado sobre o seu estado atual e suas causas, *não se pode dizer nada a seu propósito, senão asneiras*. E as asneiras, todo mundo sabe, não servem para resolver os problemas. O que há de injusto, portanto, em se privar do direito à palavra quem não pesquisou? Ora, *muitos camaradas não sabem fazer outra coisa que não seja divagar, de olhos fechados*: isto é uma vergonha para os comunistas! Como é que um comunista pode falar assim no ar, de olhos fechados? É inadmissível! Fazei pesquisas! E não digam mais asneiras!

Pesquisar sobre um problema é começar a resolvê-lo

Não se consegue resolver um problema? Pois bem! Informemo-nos do seu estado atual e passado! Quando se tiver feito um inquérito aprofundado, saber-se-á como resolvê-lo. *As conclusões tiram-se no fim do inquérito e não no seu começo. Só os néscios, isoladamente ou em grupos, sem ter feito quaisquer inquéritos, torturam o espírito para "encontrar uma solução", "descobrir uma ideia". Assinale-se que nenhuma boa solução, nenhuma ideia boa sairá daí. Ou seja, os néscios não poderão chegar senão a uma má solução, a uma má ideia.*

Não são raros os nossos inspetores, os nossos chefes partidários, *os nossos quadros*, recentemente instalados, que *se delíam*, desde a sua chegada, em fazer *declarações políticas*, e se põem, a propósito de meras aparências por qualquer íntimo detalhe a censurar isso, a condenar aquilo, com gestos autoritários. Nada de mais detestável, verdadeiramente, do que é puramente subjetivo. Tais pessoas podem estar certas de estragar tudo, de perder o apoio das massas e de não resolver qualquer problema.

Numerosos são os dirigentes que apenas exalam suspiros em face dos problemas difíceis, sem poderem resolvê-los. Perdendo a paciência, eles pedem para ser transferidos, alegando que *"não conseguem dar conta da sua tarefa por falta de capacidade". É esta a linguagem de um covarde!* Mas mexam-se um pouco! Deem uma volta pelos setores e localidades que são da sua competência e imitem Confúcio, que *"fazia perguntas sobre tudo"*! Por menor que seja sua capacidade, saberão resolver os problemas; pois, se é verdade que *ao sair de casa tinham a cabeça vazia, o mesmo não acontecerá quando regressarem*: o cérebro estará munido de todos os materiais necessários para a solução dos problemas, que se acharão, assim, resolvidos.

É sempre necessário sair de casa? Não forçosamente. Pode-se convocar pessoas bem informadas para uma reunião de informação, que consigam reportar à origem daquilo a que se chamou um problema difícil e para nos esclarecer sobre o seu estado atual. Dessa forma, ficará mais fácil solucionar o problema. *O inquérito é comparável a uma longa gestação, e a solução de um problema, ao dia do parto. Inquirir sobre um problema é resolvê-lo.*

Contra o culto do livro

Tudo o que está nos livros é justo: tal é, ainda hoje, o estado de espírito dos camponeses chineses, culturalmente atrasados. Mas, é surpreendente que nas discussões do Partido Comunista haja também pessoas que digam, a propósito de tudo: "Mostranos isso no teu livro!" Quando dizemos que as diretrizes dos órgãos dirigentes superiores emanam dum "órgão dirigente superior", é porque o seu conteúdo corresponde às condições objetivas e subjetivas da luta e responde às suas necessidades. *Executar cegamente as diretivas sem as discutir nem as examinar à luz das condições reais, eis o erro profundo da atitude formalista, ditada somente pela noção de "órgãos superiores". É por culpa deste formalismo que a linha e a tática do partido não puderam até agora penetrar profundamente nas massas.*

Executar cegamente, e aparentemente sem nenhuma objeção, as diretivas dum órgão superior significa não as executar realmente; é mesmo a maneira mais hábil de se opor a elas e de sabotá-las. Igualmente nas ciências sociais, o método que consiste em estudar exclusivamente os livros é o mais perigoso possível, pode mesmo conduzir à contrarrevolução. A melhor prova é que muitos comunistas chineses que não largavam

nunca os livros no seu estudo das ciências sociais tornaram-se, uns após os outros, contrarrevolucionários. Nós dizemos que *o marxismo é uma teoria justa*; não porque Marx seja um "profeta", mas porque *sua teoria provou "ser justa" na nossa prática, na nossa luta.*

Nós temos necessidade do marxismo na nossa luta. Aceitando essa teoria, não temos na cabeça qualquer ideia formalista, ou mística, como se fosse a de um "profeta". Entre os que leram livros marxistas, muitos se tornaram renegados da revolução; e, frequentemente, *operários iletrados são capazes de assimilar o marxismo.* É preciso estudar os livros marxistas, mas sem se esquecer de os referir à realidade do nosso país. Temos necessidade de livros, mas temos absolutamente que nos desembaraçar do culto que lhes votamos, com desprezo pela realidade. Como desembaraçamo-nos desse culto? *A única maneira é apurar o estado real da situação.*

A ausência de pesquisa sobre a realidade conduz a uma apreciação idealista da força de classe e a uma direção idealista do trabalho, o que conduz ao oportunismo ou ao golpismo

Não acreditam nesta conclusão? Os fatos o obrigarão a isso. Tentem apreciar a situação política ou dirigir uma luta fora de todo o inquérito sobre a realidade e verão se a vossa apreciação ou a vossa direção não são vãs e idealistas, e se esta maneira vã e idealista de fazer uma apreciação política ou de dirigir um trabalho não conduz aos erros oportunistas ou golpistas. Seguramente que ela conduz a tal. Não é que não se tenha tido o cuidado de preparar um plano antes de agir, mas se não houve a preocupação de conhecer as condições reais da socieda-

de antes de elaborar o plano. Este modo de atuar encontra-se frequentemente nas unidades de partidários do Exército Vermelho. Oficiais do gênero de "Li Kuei" – herói no conhecido romance chinês do século XIV, Heróis dos Pântanos, que descreve guerra camponesa ocorrida no final da dinastia Sung do Norte (960-1127) – punem sem discernimento os seus homens assim que descobrem sua falta. O resultado é que os culpados se queixam, seguem-se discussões e os dirigentes perdem todo o prestígio. Esse tipo de coisa não aconteceu muitas vezes no Exército Vermelho?

É nos desvencilhando do idealismo, evitando qualquer erro oportunista ou golpista, que nós podemos conquistar as massas e vencer o inimigo. E para nos desembaraçar do idealismo, temos de nos esforçar por fazer inquéritos sobre a realidade.

A pesquisa sobre as condições sociais e econômicas têm por fim chegar a uma justa apreciação das forças de classe e definir, em seguida, uma justa tática de luta

Tal é nossa resposta à pergunta: qual é o objetivo do inquérito sobre as condições sociais e econômicas? O que constitui o objeto do nosso inquérito são, pois, as diferentes classes sociais e não fenômenos sociais fragmentários. Desde algum tempo, os camaradas do IV Corpo do Exército Vermelho dedicam, em geral, sua atenção ao trabalho de inquérito, mas o método de muitos deles é errado. Os resultados de seus inquéritos assemelham-se às contas de um merceiro, lembram aquela quantidade de histórias sensacionais que um camponês ouviu contar numa cidade populosa observada, de longe, de cima de uma montanha.

Tal inquérito não tem nenhuma utilidade e não nos permite atingir o nosso objetivo principal, que é o de conhecer a situação política e econômica das diferentes classes da sociedade. *O inquérito deve poder dar a nós, em conclusão, um quadro da situação atual de cada classe*, assim como dos altos e dos baixos que elas tiveram no passado. Por exemplo, quando fazemos o inquérito sobre a composição do campesinato, não devemos nos informar apenas sobre o número de camponeses pobres, dos camponeses semiproprietários e dos rendeiros, que se distinguem uns dos outros por meio da locação das terras. Nós devemos, sobretudo, conhecer o número de camponeses ricos, médios e pobres, que se distinguem pelas diferenças de classes ou de camada social.

Quando procedemos a uma investigação sobre a composição dos comerciantes, não devemos unicamente conhecer o número das pessoas repartidas pelo comércio de cereais, ou da confecção, ou das plantas medicinais etc. Temos, sobretudo, de inquirir sobre o número dos pequenos comerciantes, comerciantes médios e grandes comerciantes. Devemos apurar não apenas sobre a situação de cada profissão ou estrato, mas, sobretudo, sobre a sua composição de classe.

Devemos inquirir não só sobre as relações entre os diferentes estratos, mas, antes de tudo, sobre as relações entre as diferentes classes. O nosso principal método de investigação é o de *dissecar as diferentes classes sociais*. O objetivo final é o de *conhecer a suas relações mútuas* para chegar a uma justa apreciação das forças de classe e de definir, em seguida, uma tática justa para nossa luta, *determinando quais são as classes que constituem as nossas forças principais* na luta revolucionária, *quais são as que devemos conquistar como aliadas e as que temos de derrubar?* Eis todo o nosso objetivo.

Quais são as classes sociais que devemos constituir como objetivo de inquérito? São: *o proletariado industrial, os operários artesanais, os assalariados agrícolas, os camponeses pobres, os indigentes das cidades, o lumpemproletariado, os proprietários de empresas artesanais, os pequenos comerciantes, os camponeses médios, os camponeses ricos, os proprietários de terras, a burguesia comercial, a burguesia industrial*. No decorrer do nosso inquérito, devemos centrar a nossa atenção sobre a condição de todas estas classes (ou camadas sociais). Na região onde trabalhávamos, só falta o proletariado industrial e a burguesia industrial, o resto é familiar. A nossa *tática de luta é precisamente a que adotamos em relação a todas estas classes e camadas sociais*.

Temos tido, no trabalho de inquérito, outra *insuficiência grave: nos preocupamos com as regiões rurais em detrimento das cidades*, de forma que numerosos camaradas têm sempre uma ideia bastante vaga sobre a tática a se adotar em face dos indigentes das cidades e da burguesia comercial. No desenvolvimento, a luta fez-nos abandonar a montanha em proveito da planície; *fisicamente, descemos há muito das montanhas, mas mentalmente continuamos lá*. Temos de conhecer a cidade tão bem como a montanha; de outra forma, não poderemos responder às necessidades da revolução.

A vitória da luta revolucionária na China depende do conhecimento que os camaradas têm da situação do seu país

O objetivo de nossa luta é de passar da democracia ao socialismo. Nesta tarefa, a primeira coisa a fazer é levar até o fim a revolução democrática, conquistando a maioria da classe

operária e sublevando as massas camponesas e os indigentes das cidades para derrubar a classe dos proprietários de terra, o imperialismo e o regime do Kuomintang. Depois, com o desenvolvimento desta luta, teremos de realizar a revolução socialista. O cumprimento desta grande tarefa revolucionária não é coisa simples e fácil; depende inteiramente da justeza e da fineza da tática de luta empregada pelo partido proletário.

Se esta tática for errada ou hesitante, a revolução sofrerá inevitavelmente uma derrota temporária. Tenhamos em mente que os partidos burgueses também discutem todos os dias a sua tática de luta; trata-se, para eles, de saber como propagar as ideias reformistas nas fileiras da classe operária para enganá-la e subtrair dela a direção do partido comunista, como ganhar para si os camponeses ricos para liquidar as insurreições dos camponeses pobres e como organizar o lumpemproletariado para reprimir a revolução etc. Quando a luta de classes se tornar cada vez mais encarnçada e tomar a forma de um corpo a corpo, o proletariado deve contar inteiramente, para a sua vitória, com a justeza e a firmeza da tática de luta do seu partido, o partido comunista.

Uma tática de luta do partido comunista que seja tão justa quanto firme não pode ser elaborada por algumas pessoas, fechadas entre quatro paredes; ela só pode vir das lutas de massas, que dizer, da experiência política. Eis porque temos de estar constantemente a par do estado da sociedade e fazer inquéritos sobre a realidade. Os camaradas que têm espírito entorpecido, conservador, formalista e indevidamente otimista acham que a tática de luta adotada hoje é a melhor possível. Que os "livros" publicados pelo VI Congresso e o partido comunista garantem, para sempre, nossa vitória e que basta conformar-se com as decisões tomadas para vencer por toda a parte.

Esta maneira de ver é totalmente falsa, ela é incompatível com a ideia de que os comunistas criam, através da luta, situações novas; ela representa unicamente uma linha puramente conservadora. Se não for totalmente rejeitada, esta linha conservadora causará um grande mal à revolução e prejudicará aqueles mesmos camaradas. É notório que, certos camaradas do Exército Vermelho estão muito felizes por ficar onde estão, não procuram conhecer o fundo das coisas, são de um otimismo falso e propagam esta ideia falsa: "isto é o proletariado". *Não fazem senão comer e beber todo o dia e passam o tempo a dormir nos seus escritórios, sem querer jamais pôr o pé na sociedade, entre as massas, para fazer um inquérito.* Quando se dirigem às pessoas, é sempre a mesma lengalenga enfadonha.

Para despertar os nossos camaradas, temos de lhes gritar: *Desembarcem-se já do vosso espírito conservador! Substituam-no por um espírito de iniciativa, progressista e comunista! Lutem! Vão às massas e façam pesquisas sobre a realidade!*

A prática da pesquisa

- a) *Organizar reuniões de informação e proceder a pesquisas por intermédio da discussão*

Só esta maneira de agir permite nos aproximarmos da realidade e tirar conclusões. Ater-se unicamente à apreciação que faz cada um da sua própria experiência, sem fazer reuniões, nem levar a cabo um inquérito através da discussão, é um método sujeito ao erro. E por que fazer reunião? Somente algumas perguntas ao acaso, sem levantar os problemas essenciais, não permitem tirar conclusões mais ou menos exatas.

- b) *Quem deve assistir à reunião de informação?*

Aqueles que conhecem perfeitamente a situação social e

econômica – do ponto de vista da idade, as pessoas idosas são preferíveis, porque elas têm uma rica experiência e conhecem não apenas o estado atual das coisas, mas também as suas causas e efeitos. Os jovens que tenham experiência de luta devem ser também numerosos, porque têm ideias progressistas e um sentido agudo da observação. Do ponto de vista do estado, pode-se fazer vir operários, camponeses, comerciantes, intelectuais, por vezes soldados e mesmo vagabundos. Naturalmente, quando o inquérito incide em um assunto bem determinado, não é necessária a presença de pessoas estranhas à questão; assim, operários, camponeses e estudantes não têm necessidade de estar presentes quando se trata de um inquérito sobre o comércio.

c) Que é preferível: uma grande ou uma pequena reunião de informação?

Isso depende da capacidade do pesquisador para conduzir a reunião. Para um pesquisador capaz, o número dos participantes pode ultrapassar uma dezena, ou mesmo uma vintena. Uma reunião numerosa tem as suas vantagens: ela permite estabelecer uma estatística relativamente exata (por exemplo, quando se quer saber se a distribuição igual das terras é preferível à sua distribuição diferenciada). Naturalmente, uma reunião numerosa apresenta, igualmente, inconvenientes: quem não sabe conduzi-la bem não consegue manter a ordem; assim, o número dos participantes depende da competência do pesquisador. De qualquer modo, a reunião tem de ter pelo menos três pessoas, senão as informações seriam demasiado limitadas para refletir.

d) Estabelecer um plano de questionário.

É preciso ter um plano preparado. O pesquisador fará perguntas seguindo a ordem prevista por este plano e os participantes responder-lhe-ão de viva voz. Os pontos obscuros ou duvidosos serão submetidos ao debate. O plano do inquérito deve comportar capítulos e subcapítulos: por exemplo, no capítulo "comércio", os tecidos, os cereais, os artigos diversos, as plantas medicinais constituem subcapítulos, e os subcapítulos "tecidos" subdivide-se, por sua vez, em panos de algodão, tecidos de fabricação local, sedas etc.

e) *Participar pessoalmente no inquérito*

Os que ocupam um posto dirigente – desde o presidente do governo municipal até o presidente do governo central, desde o chefe de destacamento até o comandante-em-chefe, desde o secretário de cédula até o secretário geral do partido –, *têm de, sem exceção, pesquisar pessoalmente acerca da realidade econômica e social.* Não devem se fiar unicamente nos relatórios escritos, porque uma coisa é pesquisar pessoalmente, outra coisa é ler relatórios.

f) *Aprofundar a matéria antes*

Todos os que se iniciam no trabalho de pesquisar devem se preparar com um ou dois inquéritos aprofundados, anteriores, para terem mais conhecimento e prática do tipo de pesquisa que vão fazer. E conhecer os temas que serão tratados na pesquisa, como a situação da aldeia, da cidade ou as questões sobre cereais, renda etc. O conhecimento profundo dum lugar ou duma questão permitir-lhes-á orientarem-se mais facilmente nos questionários posteriores sobre outros lugares ou outras questões.

g) Tomar notas

O pesquisador deve não só presidir a reunião de informação e dirigi-la convenientemente, mas, ainda, tomar notas a fim de registrar os resultados do seu inquérito. Não deve confiar este trabalho a outros.





O passo seguinte

O passo seguinte não é o próximo

O passo seguinte é o necessário,

Para termos a certeza

De que continuaremos caminhando juntas(os),

Unidas(os) pelos mesmos ideais de luta,

Pelos mesmos sentimentos de liberdade

Pelo mesmo compromisso de transformação!

Fragments do poema de Edmundo Colen

CONSTRUINDO A LUTA POPULAR

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO

Este texto foi escrito com base no texto “Construindo o poder popular: As seis condições de vitória das reivindicações populares”, escrito por Plínio de Arruda Sampaio (Editora Paulus, 3ª ed., 2004)

A justiça da luta e a força para conseguir a vitória

A luta dos explorados e dos oprimidos é uma luta justa, porém, só isto não basta para conseguirmos alcançar nossos objetivos. Além de justa, é necessário ter boa estratégia, com força própria e forte apoio de outros setores da sociedade.

Talvez, em determinado momento da luta, não tenhamos a força necessária para alcançarmos a vitória. Isto pode ser resolvido se traçarmos um bom plano de ação, capaz de envolver mais gente ao nosso lado.

Antes de mais nada, é preciso examinar bem qual é nossa força real, ou seja, quanto temos de organização e com quantas pessoas contamos que se dispõem a lutar. E também a força potencial, que é a quantidade de pessoas que mesmo não estando organizadas e conscientes, por terem o mesmo problema, podem ser organizadas e mobilizadas para a nossa causa.

Um segundo passo é analisar a correlação de forças, ou seja, quanta força nós temos e quanta força têm nossos inimigos. Contra um inimigo forte, certamente teremos que reunir e influenciar o máximo de força do nosso lado para que a ação que nós fizermos seja maior do que a reação que o inimigo vai ter.

Temos que ter claro, ainda, que na luta popular é muito importante a organização e o nível de consciência das pessoas, pois muitas vezes um grupo bem organizado é decisivo para mobili-

zar muita gente. Este grupo consciente é que vai levar a luta até o fim e alcançar os objetivos, a isto se chama de força motriz.

Determinar o objetivo

Uma das questões mais importantes quando iniciamos uma luta é **definir os objetivos** que queremos atingir. Na luta revolucionária, os objetivos específicos devem estar ligados aos objetivos gerais.

É importante que desde as lideranças até a base tenham claro quais são estes objetivos a atingir, assim evitamos divisões ou desistências. É fundamental que todas as pessoas que se proponham a lutar ao nosso lado sejam conscientizadas dos objetivos. Deve sempre prevalecer a visão do objetivo mais importante e estratégico.

Objetivo final e objetivo intermediário

Em toda a luta, há um objetivo geral e um ou vários objetivos específicos/intermediários.

Nosso objetivo final, não cabe a menor dúvida. é construir uma nova sociedade, sem exploração e opressão. Este também é o objetivo de muitas organizações de trabalhadores, do campo e da cidade.

Para que nosso objetivo final seja alcançado, é necessário irmos acumulando força, dando passos, fazendo nossa luta avançar cada vez mais em direção a estratégia geral.

De igual forma, para atingirmos nossos objetivos intermediários é necessário realizar uma série de atividades, cada uma com objetivo próprio.

O fundamental é transformar os problemas em pauta e as pautas em luta popular.

Conhecer bem o(s) inimigo(s)

Toda vez que nos propomos a lutar por algum objetivo é porque eles são de nosso interesse, e também do interesse coletivo de muitos trabalhadores. Estes interesses só não se concretizam pois se chocam com os interesses contrários, de outra classe.

Por isso, além de conhecermos profundamente nossos interesses, é preciso conhecer também os interesses de nossos inimigos. Sendo assim, é necessário identificar quem é nosso **inimigo principal e os inimigos secundários** – aqueles que sairão em defesa do inimigo principal.

Conhecer e buscar aliados

Há coisas que podemos fazer sozinhos. Há coisas que podemos conseguir se mais trabalhadores nos ajudarem. Quando nossos objetivos não podem ser conseguidos apenas com nossa unidade, há necessidade de procurar aliados.

Os aliados servem para lutar pelos mesmos objetivos e para aumentar nossa força. São pessoas ou grupos que geralmente não têm os mesmos interesses, mas interesses semelhantes, por isso podem ajudar em nossa luta.

Para que nossa luta seja vitoriosa, é necessário conhecer os interesses e a força de cada aliado e onde cada um pode ajudar. Ao mesmo tempo, é preciso estabelecer a forma correta de relacionar-se com cada um dos aliados.

Aliados principais e aliados secundários

Existem dois tipos de aliados: aliado principal (estratégico) – são aqueles que possuem mesmos objetivos estratégicos e seguirão até o fim da luta; aliados secundários (táticos) – seus interesses não se envolvem até o fim da luta, mas aceitam se envolver até um determinado processo da luta.

A luta pode começar com muitos aliados e com o tempo ir diminuindo, ou então pode ir ganhando aliados à medida que as pessoas vão compreendendo o sentido dela.

Como o interesse de cada aliado é diferente, pode ocorrer conflito ente eles; às vezes teremos que escolher entre eles, isto é, ficar com uns e dispensar outros. Por isso, se não tivermos muito claro quais nossos objetivos e também o objetivo de cada um dos aliados **corremos o risco de nos perder no processo.**

Saber dividir tarefas e assumir responsabilidades

A luta exige a realização de uma serie de tarefas. Elas devem ser cumpridas da melhor forma possível, por isso exige o envolvimento de várias pessoas e exige um alto grau de responsabilidade. Quando se trata de trabalhar a serviço do povo, não se pode assumir tarefas e depois não as cumprir.

Se cada um fizer sua parte, todos saem ganhando; no entanto, é preciso saber que existem tarefas que exigem maior responsabilidade e por isso o compromisso do militante é maior ainda.

Não se pode, e nem se deve querer, centralizar todas as tarefas nas mãos de uma única pessoa, pois o risco de dar errado é grande. Cada militante precisa saber assumir e cumprir com a missão dada e saber dividir tarefas. Em uma atividade de

movimento, uns podem se responsabilizar em fazer o trabalho com o povo, outros em conversar com os aliados, outros em organizar materiais, buscar condições (transporte, por exemplo), e assim por diante.

São muitas coisas, e todas são importantes para que o processo da luta saia da melhor forma.

Conhecer bem os problemas e apontar o caminho

O conhecimento dos problemas pelos quais temos que lutar é fundamental. O que é, suas causas, os responsáveis e qual a solução. Normalmente, temos dificuldades de compreender muitas questões acerca dos problemas, ficando, muitas vezes, na aparência. Os trabalhadores necessitam seguir um método para conhecer a realidade, na sua essência e na sua totalidade.

Assim, muitas vezes necessitamos pedir ajuda para outras pessoas, de confiança. Isto exige de nós muita atenção, pois a ajuda não pode substituir a luta. O domínio das questões técnicas é importante para conseguirmos alcançar nossos objetivos, porém sem o domínio político das questões, não há como uma luta ser vitoriosa.

Por isso, é importante que as lideranças se apropriem de noções básicas sobre o tema, isto exige estudo e disciplina. Ao conhecer profundamente os problemas, o movimento também saberá propor a correta solução. Cada problema deve ser transformado em pauta (reivindicação) e a pauta transformada em um processo de luta popular. E a luta levada até o fim. Este é o caminho.

Na luta entre as classes não há consenso, conciliação. A luta é entre duas forças que se enfrentam, que brigam, que lutam com todas as suas técnicas e forças para impor seu interesse de

classe sobre o outro, por isso quem estiver melhor preparado pode sair vitorioso.

Precisamos também nos livrar do preconceito bobo de que porque somos trabalhadores não somos capazes de estudar, de aprender. Isso atrapalha nossa luta.

É fundamental ter clareza dos assuntos, se a gente não compreender bem, precisamos pedir ajuda, buscando sempre pessoas de confiança. Quando temos o domínio sobre o assunto, temos mais segurança em falar com as pessoas, realizar reuniões, propor saídas e conscientizá-las a entrar em nossa luta. O povo é simples e precisa de palavras claras.

Para que nossa luta avance, é necessário ainda sabermos de experiências que são positivas para a solução que já tiveram para problemas iguais ou parecidos com os que enfrentamos. Neste caso, a troca de experiências é muito importante para nos dar ideia do que pode ser feito.

RESUMO

- | | |
|----|---|
| 1. | Não basta ser justa, precisa ter uma boa estratégia de luta |
| 2. | Determinar os objetivos |
| 3. | Conhecer bem os inimigos – principais e secundários |
| 4. | Buscar aliados |
| 5. | Dividir tarefas |
| 6. | Conhecer bem os problemas (na essência e totalidade) |
| 7. | Transformar em pauta de reivindicação. |
| 8. | Fazer a luta até o fim. |
-

*Texto adaptado pelo MAB. São Paulo, maio de 2015.

Nada é impossível de mudar

“Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo. E
examinai, sobretudo, o que
parece habitual. Suplicamos
expressamente: não aceiteis
o que é de hábito como coisa
natural, pois em tempo de
desordem sangrenta, de
confusão organizada, de
arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível
de mudar.”

Bertold Brecht





Por que será que o Che
Tem este perigoso costume
De seguir sempre renascendo?
Quanto mais o insultam,
O manipulam
O atraíam
Mais ele renasce.
Ele é o mais renascedor de todos!
Não será por que Che
Dizia o que pensava e fazia o que dizia?
Não será por isso que segue sendo
tão extraordinário,
Num mundo onde palavras
e atos tão raramente se encontram?
E quando se encontram
raramente se saúdam
Por que não se reconhecem?

Eduardo Galeano

_ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Buscamos na origem da palavra educação (*ex-ducere* = extrair) para dizer que Educação Popular tem a ver com acolher, reconhecer e acompanhar um processo, além de criar e recriar conhecimento. Ou seja, ninguém sabe nada, ninguém sabe tudo; as pessoas se educam. A missão de quem educa é reafirmar o que a pessoa já sabe e ajudá-la a dar novos passos na área do conhecimento (CEPIS, 2012). Desta forma, para que o nosso processo formativo cumpra seu objetivo, precisamos organizar e preparar antecipadamente.

Abaixo listamos alguns pontos para preparar um bom encontro de formação:

- Mapear os militantes que participarão do processo de formação, fazer o convite para que possam participar e informar o que elas precisam levar para o encontro;
- Organizar as condições para realizar cada etapa prevenindo: local, alimentação, hospedagem e condições de deslocamento;
- Garantir que o espaço tenha cadeiras suficientes, além de quadro, pincel ou giz, equipamento de som, projetor multimídia, extensão, nossa simbologia (bandeiras, faixas, *banners*, cartazes, cartilhas etc);
- Preparar com antecedência a acolhida, a mística de abertura, um folheto de músicas, a pasta com os materiais necessários, a jornada socialista, a proposta de avaliação;
- A coordenação tem a tarefa de pensar o plano de ação concreto para envolver os militantes na construção e implantação do plano;

- Quem for trabalhar os temas deve dedicar tempo suficiente na preparação dos conteúdos. Isso é muito importante e não pode ser feito na última hora.

Consideramos que a organicidade interna faz parte do processo organizativo e se torna fundamental para exercitar na prática o espírito da militância baseado nos valores socialistas. Portanto, dentro da etapa, prever um tempo para garantir este processo.

Abertura

- a) **Mística** (preparar com antecedência a partir do tema abordado)
- b) **Boas-vindas** aos militantes
- c) **Apresentação dos militantes** (pensar numa dinâmica de apresentação)
- d) **Apresentação dos objetivos e da programação da etapa**
- e) **Explicar os materiais da pasta**
- f) **Horários:** Definir com antecedência os horários (despertar, café da manhã, mística, início da plenária, intervalos, almoço, janta e silêncio). Anotar em uma cartolina os horários combinados e deixar exposto no espaço.

Organicidade

- a) **Processo organizativo da turma**
A Coordenação Política Pedagógica (CPP) deve trazer a im-

portância da organicidade nos espaços de formação do MAB.
Destacando:

- proporcionar uma maior participação dos militantes nos cursos de forma intencional e organizada;
- permitir a divisão das tarefas e o compromisso individual e coletivo dos militantes para a construção de uma boa etapa;
- incentivar os militantes a vivenciarem na prática a forma organizativa do movimento;
- construir novos hábitos, princípios e valores que reforcem a construção da coletividade.

b) *Divisão dos Grupos de Base*

- O ideal é ter de 5 a 7 militantes por grupo.
- Dividir a turma em grupos (pensar uma metodologia - o ideal é ter de 5 a 7 militantes por grupo);
- Reunir cada grupo de base e propor que cada um eleja o nome de um lutador ou lutadora do povo.

c) *Divisão das tarefas por Grupos de Base*

- As tarefas devem ser organizadas pela CPP, com antecedência, pois varia conforme o local de cada etapa.

d) *Acordos coletivos*

Para uma boa convivência em grupo é preciso fazer acordos coletivos/combinções. Em todos os espaços de formação do movimento os principais acordos são:

- garantir os horários da programação e das atividades (manhã, tarde e noite);
- ter disciplina e respeito com os espaços, com os companheiros e com as atividades coletivas;
- participar dos debates e tarefas, "ser parte e não plateia";

- foco e atenção: celulares devem ser deixado no quarto, não usar em plenária, pois atrapalha se ficar fazendo barulho. Também pelo motivo de segurança, pois o celular é usado muito para rastrear as conversas dos militantes e dirigentes do movimento;
- garantir toda a organicidade proposta para a etapa;
- priorizar o estudo e a troca de experiência entre os militantes (o curso não é para passear, sair de casa e ficar à toa);
- fumar apenas em espaços definidos coletivamente;
- consultar a turma sobre mais acordos a serem definidos.

É importante colocar todos os acordos em um cartaz e deixar exposto em plenária.

Reafirmar que é tarefa de todos garantir os acordos coletivos, em especial os coordenadores, que devem ficar atentos e cobrar o cumprimento dos integrantes do grupo.

- e) **Reunião dos grupos de base** (para debater o nome do grupo, definir a coordenação do grupo e a reforçar as tarefas)
- f) **Estudo dos lutadores:** a CPP deve falar da importância de conhecer a história dos lutadores, pois eles são nosso exemplo pedagógico individual e coletivo. A partir do estudo, elaborar uma palavra de ordem que identificará os grupos de base nos momentos de conferência, e organizar uma jornada socialista em que os grupos possam trazer mais subsídios sobre seu lutador.
- g) **Equipes de trabalho:** nas etapas de formação, a CPP precisa avaliar a necessidade de organizar equipes que dinamizem o funcionamento das tarefas práticas durante a etapa. Geralmente, as equipes são: disciplina e segurança; infraestrutura; comunicação; saúde; esporte e lazer; animação; ciranda e/ou outras.

Estudos do conteúdo

Precisamos interpretar a teoria. O que o autor está dizendo? Quais são as ideias centrais de cada capítulo? Ao preparar o conteúdo, o educador precisa identificar essas questões e conduzir a turma com essas provocações. No final, é importante construir uma síntese dos principais elementos identificados no estudo.

Discussão e elaboração do plano prioritário do que fazer na região

A coordenação do estado precisa pensar e elaborar com antecedência o plano e discutir com a turma.

Avaliação e encaminhamentos

A avaliação deve ser compreendida como parte fundamental em qualquer processo de formação e trabalho de organização dentro do Movimento. Portanto, é necessário deixar um tempo na programação para este momento.

Por fim, fazer os encaminhamentos necessários da região.

Bom trabalho a todos nós.

**Água e energia com soberania, distribuição da
riqueza e controle popular!**